

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

ILMA TERESINHA FERREIRA PEREIRA

**ANÁLISE DO PROCESSO DE AVALIAÇÃO INTERNA NO PET LETRAS DA UNIPAMPA –
CAMPUS BAGÉ**

**Bagé
2025**

ILMA TERESINHA FERREIRA PEREIRA

**ANÁLISE DO PROCESSO DE AVALIAÇÃO INTERNA NO PET LETRAS DA UNIPAMPA –
CAMPUS BAGÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Evandro Ricardo Guindani

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Carolina Fernandes

**Bagé
2025**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

P436a Pereira, Ilma Teresinha Ferreira
Análise do processo de avaliação interna no pet letras da Unipampa
– campus Bagé / Ilma Teresinha Ferreira Pereira.
62 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação) -- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA, 2025.

"Orientação: Evandro Guindani".

1. Avaliação Educacional. 2. Programa de Educação Tutorial. 3.
Processo Formativo. 4. Formação Acadêmica. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

ILMA TERESINHA FERREIRA PEREIRA

ANÁLISE DO PROCESSO DE AVALIAÇÃO INTERNA DO PET-LETRAS DA UNIPAMPA - CAMPUS
BAGÉ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 16 de dezembro de 2025.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Evandro Guindani
Orientador
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Carolina Fernandes
Coorientadora
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Sandra Maders
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Juliana Brandão
Machado (UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **EVANDRO RICARDO GUINDANI, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/12/2025, às 19:01, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **SANDRA MADERS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/12/2025, às 20:46, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CAROLINA FERNANDES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 18/12/2025, às 08:29, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **JULIANA BRANDAO MACHADO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 18/12/2025, às 10:02, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1931610** e o código CRC **2FC22490**.

Referência: Processo nº 23100.022771/2025-91 SEI nº 1931610

Dedico este trabalho à minha família, pelo amor incondicional, pelo apoio constante e por acreditarem em mim em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por me conceder força, sabedoria e perseverança para concluir esta trajetória. À minha família, base fundamental da minha caminhada, pelo amor, apoio incondicional e incentivo constante, aos amigos, pela escuta, pelas palavras de encorajamento e pela presença nos momentos decisivos. Registro meu sincero agradecimento ao meu orientador Prof. Dr. Evandro Guindani, pela orientação atenta, pelo diálogo sempre respeitoso e pelas contribuições fundamentais ao longo do processo, bem como à Profa. Dra. Carolina Fernandes, minha coorientadora, por suas reflexões, incentivos, generosidade e inspiração constantes, que tornaram minha trajetória acadêmica mais significativa e humana. Ao PET-Letras, espaço formativo que marcou profundamente minha trajetória acadêmica, e aos colegas petianos, pela partilha de saberes, pelo trabalho coletivo e pelas aprendizagens construídas em conjunto. Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram e acreditaram na escrita e na conclusão deste trabalho, tornando possível a realização deste percurso acadêmico.

RESUMO

Este projeto teve como objetivo geral compreender e analisar criticamente o processo de avaliação desenvolvido no âmbito do Programa de Educação Tutorial (PET) Letras da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Bagé, refletindo sobre como essa prática é concebida, desenvolvida e ressignificada no cotidiano do grupo. A partir da minha trajetória acadêmica e da experiência como integrante do PET-Letras, busquei refletir sobre a importância da autonomia intelectual e da perseverança estudantil no processo de aprendizagem, vivenciando o PET como um espaço de formação integral, diálogo e construção coletiva do conhecimento. Criado em 1979, o programa destaca-se pelo compromisso com a excelência acadêmica, a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, e a formação cidadã. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo-analítico, com o objetivo de atribuir significados às práticas avaliativas desenvolvidas no grupo, investigando também o percurso histórico do PET no Brasil e suas formas de reinvenção ao longo do tempo. Os procedimentos metodológicos compreenderam a análise documental de relatórios, autoavaliação e registros internos, permitindo uma leitura aprofundada do processo avaliativo sob uma perspectiva crítica e reflexiva. Ao resgatar a trajetória do programa e discutir seus impactos no ensino superior, este estudo busca contribuir para a valorização de práticas avaliativas formativas, democráticas e comprometidas com a construção do conhecimento, reafirmando a relevância do PET como política pública voltada à formação cidadã e à transformação social. Os resultados deste estudo evidenciam que a avaliação interna do PET-Letras constitui uma prática formativa essencial, capaz de promover autonomia, responsabilidade e reflexão crítica entre os bolsistas. A análise das atas e demais registros confirmou que o processo avaliativo ultrapassa o caráter administrativo, configurando-se como instrumento pedagógico que qualifica as ações do grupo e fortalece o aprendizado coletivo. Conclui-se que o PET exerce impacto significativo na formação acadêmica e pessoal de seus integrantes, reforçando a importância de ampliar pesquisas sobre o programa a fim de aprofundar a compreensão de sua relevância no ensino superior brasileiro.

Palavras-Chave: Avaliação Educacional. Programa de Educação Tutorial. Processo Formativo. Formação Acadêmica.

ABSTRACT

The overall objective of this project was to understand and critically analyze the evaluation process developed within the scope of the Tutorial Education Program (PET) Letras at the Federal University of Pampa (UNIPAMPA), Bagé campus, reflecting on how this practice is conceived, developed, and reinterpreted in the group's routine. Based on my academic trajectory and experience as a member of the PET-Letras program, this study reflects on the importance of intellectual autonomy and student perseverance in the learning process, considering PET as a space for holistic education, dialogue, and the collective construction of knowledge. Created in 1979, the program stands out for its commitment to academic excellence and for promoting the integration of teaching, research, outreach, and civic education. The research adopted a qualitative, descriptive-analytical approach, aiming to attribute meaning to the evaluative practices developed within the group, as well as to investigate the historical trajectory of the PET program in Brazil and its processes of reinvention over time. The methodological procedures included document analysis of reports, self-assessments, and internal records, allowing for an in-depth understanding of the evaluation process from a critical and reflective perspective. By retracing the program's trajectory and discussing its impacts on higher education, this study seeks to contribute to the appreciation of formative and democratic evaluation practices committed to knowledge construction, reaffirming the relevance of the PET program as a public policy aimed at civic education and social transformation. The results demonstrate that the internal evaluation of the PET-Letras program constitutes an essential formative practice, capable of promoting autonomy, responsibility, and critical reflection among scholarship recipients. The analysis of meeting minutes and other records confirmed that the evaluation process transcends its administrative character, functioning as a pedagogical instrument that enhances the group's actions and strengthens collective learning. It is concluded that the PET program has a significant impact on the academic and personal development of its members, reinforcing the importance of expanding research on the program in order to deepen the understanding of its role in Brazilian higher education.

Keywords: Educational Assessment. Tutorial Education Program. Training Process. Academic Training.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	7
2 O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL – PET	10
2.1 História do PET no Brasil e no Rio Grande do Sul	10
2.2 O PET-Letras do campus Bagé/Unipampa.....	18
3. A AVALIAÇÃO: CONCEPÇÕES E FINALIDADES	24
3.1. Concepção de Avaliação	24
3.2. Avaliação na Educação.....	26
3.3. Avaliação de Projetos	30
3.4. Avaliação de Projetos em uma Perspectiva Contínua e Formativa	32
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	35
5. RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS	38
5.1. Avaliação no Grupo PET-Letras	38
5.2. A avaliação formativa do PET-Letras: análise dos dados	41
5.2.1. A melhoria da formação acadêmica	42
5.2.2. A qualificação profissional.....	43
5.2.3. A formação humana, cidadã e crítica	45
5.2.4. Processo de Avaliação e auto avaliação das atividades.....	49
5.2.5. Avaliação do Grupo PET-Letras enquanto uma avaliação de projetos	52
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	57

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da minha trajetória acadêmica, tive a oportunidade de conhecer mais de perto o Programa de Educação Tutorial (PET), uma iniciativa que, muito além de um projeto institucional, representa um espaço de formação, diálogo e construção coletiva do conhecimento. O PET, criado em 1979, carrega em sua história um forte compromisso com a excelência acadêmica, a percepção entre ensino, pesquisa e extensão, e a formação cidadã, aspectos que considero fundamentais na vivência universitária. Participar e observar as atividades promovidas pelo PET me possibilitou compreender, na prática, a importância da perseverança estudantil e da autonomia intelectual no processo de aprendizagem.

Além disso, pude perceber como o PET é um grande incentivador de mudanças na sociedade, pois estimula a reflexão sobre a realidade, a produção de conhecimentos que são úteis para todos e o desenvolvimento de várias habilidades importantes para a vida, como saber liderar, trabalhar em grupo e agir com responsabilidade. Dessa forma, meu contato com o programa me fez entender que o PET não apenas complementa a formação acadêmica, mas também fortalece a formação pessoal, oferecendo uma vivência universitária mais rica, aberta e comprometida com a melhoria da sociedade.

Este trabalho nasceu do desejo de compreender mais profundamente as origens, os desafios e a evolução do PET, reconhecendo sua importância como uma das mais duradouras e exitosas políticas públicas voltadas para a qualificação do ensino superior no Brasil. O programa não apenas resistiu a inúmeras tentativas de descontinuidade, mas também se reinventou ao longo do tempo, consolidando-se como um espaço de inovação pedagógica e valorização da formação integral dos estudantes.

Ao analisar a história do PET busquei refletir sobre o impacto desse programa na construção de uma universidade mais crítica e comprometida com a sociedade. Sendo assim, este projeto apresenta como tema de pesquisa o processo de avaliação interna no PET Letras-Bagé Unipampa. Atualmente, essa avaliação interna do PET é feita por meio de um processo participativo que acompanha as atividades do grupo, fazendo uso de relatórios, auto avaliação e análise da tutora. Ela serve para identificar pontos fortes, corrigir falhas e planejar melhorias, garantindo que os objetivos sejam alcançados. No caso do PET-Letras Bagé, pude perceber que essa perspectiva

avaliativa se concretiza nas práticas cotidianas do grupo, nas discussões coletivas, nos relatórios reflexivos e nas auto avaliações que realizamos periodicamente. Assim, a avaliação deixa de ser apenas um instrumento de mensuração de resultados e passa a se configurar como um processo formativo, permitindo compreender avanços, reconhecer desafios e repensar caminhos. Ao assumir esse caráter pedagógico, reafirma-se o compromisso do programa com uma formação crítica e autônoma, em que cada integrante é convidado a refletir sobre sua trajetória e sobre o impacto de suas ações dentro e fora da universidade.

Mello Filho (2019) destaca justamente essa capacidade do PET de se renovar e de promover uma formação que vai além do conteúdo acadêmico, priorizando também a responsabilidade social e o compromisso ético. Martin (2005) reforça que o PET é um espaço onde se desenvolvem competências essenciais para o mundo do trabalho e da cidadania, como o pensamento crítico, a autonomia e o trabalho em equipe. Gama et al. (2020) apontam que o programa se consolida como uma experiência de aprendizagem ativa, onde os estudantes são protagonistas e participam ativamente das decisões e ações do grupo, fortalecendo sua formação humana e profissional.

Deste modo, esse trabalho, apresenta como objetivo geral compreender e analisar criticamente o processo de avaliação desenvolvido no âmbito do PET Letras da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Bagé, buscando refletir sobre suas implicações na formação acadêmica e pessoal dos integrantes do programa. Espero assim contribuir e colaborar para a valorização e o reconhecimento dessa importante política pública educacional.

De modo mais expressivo, esse trabalho se pauta nos seguintes objetivos específicos:

- a) contextualizar historicamente o surgimento do Programa de Educação Tutorial (PET), destacando sua trajetória como uma política pública voltada para o fortalecimento da educação superior no Brasil;
- b) investigar a importância do PET no processo formativo dos bolsistas, considerando os aspectos acadêmicos, profissionais e humanos que são potencializados pela participação no programa;

- c) identificar e analisar as práticas e os critérios adotados na avaliação interna do PET Letras da Unipampa, Campus Bagé, buscando compreender como esse processo se desenvolve, na perspectiva da auto avaliação.

Assim, esta pesquisa buscou não apenas compreender o funcionamento da avaliação interna no PET Letras da UNIPAMPA, mas também refletir sobre como esse processo contribui para o crescimento acadêmico, profissional e humano dos estudantes envolvidos. Ao analisar esse contexto, espero ter evidenciado o valor formativo do programa e colaborado para o fortalecimento de práticas avaliativas mais reflexivas, participativas e alinhadas aos princípios que sustentam o PET enquanto política pública comprometida com uma educação superior de qualidade, crítica e transformadora.

A estrutura do trabalho se divide em duas etapas, sendo a primeira de caráter mais teórico e conceitual, abordando o Programa de Educação Tutorial, em seu contexto histórico, e num segundo momento adentramos na temática da avaliação que é o conceito chave desta proposta de pesquisa. Numa segunda etapa apresentamos a metodologia e a análise dos dados.

2 O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL – PET

Para compreender o funcionamento e a importância do Programa de Educação Tutorial (PET), é fundamental conhecer sua origem e trajetória no contexto educacional brasileiro e regional. Criado com o objetivo de integrar ensino, pesquisa e extensão de forma indissociável, o PET tem desempenhado, desde sua implantação, um papel relevante na formação acadêmica e cidadã dos estudantes. No Brasil, o programa passou por diversas transformações ao longo dos anos, acompanhando as mudanças nas políticas públicas de educação superior. No Rio Grande do Sul, o PET também se consolidou como uma estratégia de fortalecimento da universidade pública, promovendo a autonomia dos grupos e contribuindo para a formação crítica e comprometida dos petianos.

2.1 História do PET no Brasil e no Rio Grande do Sul

Analisaremos um pouco do contexto histórico do PET, em nível nacional e estadual. Conforme Mello Filho (2019) e Martin (2005), o Programa de Educação Tutorial (PET), que antes era chamado de (Programa Especial de Treinamento) foi iniciado em 1979, consolidou-se como um dos mais modernos e talentosos programas de qualificação do ensino de graduação no Brasil. Ao longo de quatro décadas, enfrentou desafios, passou por diversas avaliações e resistiu a tentativas de extinção. No início, era constituído por um pequeno grupo de universidades, expandiu-se consideravelmente, alcançando hoje centenas de grupos em diversas instituições de ensino superior. O PET tem um papel fundamental no aprimoramento da formação acadêmica, motivando aos graduandos a participação em pesquisas, organização de eventos, a inovação no ensino e a promoção da cidadania.

No PET, de acordo com Gama et al. (2020), entre 1960 e 1970, ocorreu a chamada reforma universitária, que trouxe ao cenário educacional superior brasileiro transformações que buscavam, dentre variados objetivos, reestruturar as universidades. E posteriormente ocorreram novas medidas, como a implantação de programas de pós-graduação. Ao lado desse desenvolvimento da pós-graduação, surgiram alguns projetos/programas voltados para a graduação que buscavam aperfeiçoar a pesquisa acadêmica, dentre eles, o Programa de Educação Tutorial (PET).

O professor Cláudio Moura e Castro (Castro, 2001), relata que a origem do atual Programa de Educação Tutorial foi influenciada pelo contexto em que atuava Ivon Leite de Magalhães Pinto, advogado e professor de Economia Política na Escola de Direito de Belo Horizonte. Essa instituição de ensino passou por uma grande transformação ao se tornar a Faculdade de Economia e Administração (FEA), como parte do processo de criação da Universidade de Minas Gerais. Segundo (Castro, 2001) durante sua gestão, o professor Ivon Leite enfrentou muitos desafios, incluindo dificuldades financeiras e a resistência de alguns professores da própria FEA. Mesmo assim, ele seguiu firme com sua ideia mais inovadora: o “sistema de bolsas”. Para melhorar a formação dos alunos, escolheu os melhores estudantes e organizou grupos de seis, que estudavam juntos em uma sala com presença controlada. Esses alunos recebiam uma bolsa equivalente a um salário-mínimo da época. O financiamento vinha da própria FEA e de parcerias com três bancos e uma indústria siderúrgica. A iniciativa fez sucesso e se tornou um grande atrativo para os estudantes, assim como acontece até hoje. O professor Yvon Leite Magalhães Pinto foi um dos fundadores e primeiros docentes da faculdade, além de diretor entre 1946 e 1960. Ele buscava transformar a instituição em um centro de educação e pesquisa, mas a falta de especialização do corpo docente dificultava o avanço acadêmico dos estudantes.

Conforme a definição de Correa Lemos (2006) esse método inovador de ensino instituído na FEA idealizou uma geração de profissionais altamente qualificados, muitos dos egressos foram contratados como professores e ganharam destaque acadêmico e profissional. Os alunos se sobressaíam em congressos e na pós-graduação, concorrendo com estudantes das mais destacadas universidades do Brasil. Um dos privilegiados foi Cláudio de Moura e Castro, que compreendeu a eficácia do modelo e encontrou uma abordagem semelhante no “honors programs” dos EUA, focados em excelência acadêmica, pesquisa e dedicação extraordinária. Segundo o que nos diz Castro (2001), a criação do Sistema de Bolsas gerou divergências entre os professores, pois, apesar de a instituição ser gratuita, alguns defendiam a iniciativa. A solução para o financiamento foi dividir os custos entre o orçamento da FACE e apoio de empresas de Belo Horizonte.

Pela afirmação do autor Mello Filho (2019), quando Cláudio Moura e Castro assumiu a diretoria da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), foi criado um sistema de bolsas para qualificar estudantes da

graduação, se inspirando no modelo de Ivon Leite. Seus auxiliares, Ângela Santana e Marcos Formiga, nomearam o programa de Programa Especial de Treinamento (PET) e introduziram a figura do tutor. Assim, o PET se torna o maior e mais eficiente programa de formação complementar no ensino superior brasileiro, promovendo ensino, pesquisa e extensão de forma integrada.

Conforme nos relata Mello Filho (2019) em 1979 o professor Cláudio Moura e Castro criou oficialmente o Programa Especial de Treinamento (PET), ligado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). No começo foi implantado em três universidades, a saber: Universidade de Brasília, a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e a Universidade de São Paulo, além de um grupo de Engenharia Florestal de Mato Grosso.

Como declara Muller (2003) apud Gama et al. (2020 p. 3), “os primeiros grupos PET do Brasil foram iniciados na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP) e nos cursos de Economia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Universidade de Brasília”. Para Melo Filho (2019), o objetivo do programa era formar uma elite intelectual baseada no mérito, como alternativa à expansão do ensino superior no Brasil. O PET buscava oferecer uma formação mais qualificada, promovendo pesquisa, estudo e cooperação entre os alunos, que eram organizados em pequenos grupos sob a orientação de um tutor. Esse modelo incentivava a troca de ideias e a aprendizagem ativa, proporcionando um acompanhamento mais próximo do desenvolvimento dos estudantes.

Inicialmente, em concordância a Castro (2001), o PET tinha algumas características marcantes. Ele foi criado como uma solução rápida para melhorar o ensino na graduação e também para preparar estudantes para a pós-graduação. Por isso, era visto como um programa elitista e seletivo, já que atendia poucos alunos. O programa começou pequeno, com apenas três universidades, cinco grupos e cerca de 15 alunos, mas cresceu muito ao longo dos anos. Hoje, já são 842 grupos em 121 instituições públicas e privadas de todo o país. Mesmo enfrentando crises e ameaças de acabar, o PET resistiu, foi avaliado várias vezes e continua existindo. Este trabalho busca contar esse percurso histórico para ajudar a pensar o futuro do PET.

Conforme Mello Filho (2019), após ter sido formado o PET, passou por uma fase de testes, a qual foi denominada fase de experimentação. Nessa fase, foram criados 20 grupos, com 201 bolsistas em 14 universidades. Como era tudo novo, a CAPES escolheu universidades com pós-graduação em crescimento para montar

esses grupos. Porém, imediatamente, a CAPES começou a criticar o PET, mencionando que ele tinha problemas na sua ideia principal, nos objetivos e na maneira de preparar alunos para a pós-graduação. Até mesmo, desacreditaram da capacidade dos professores responsáveis e pensaram em acabar com o programa. Para fundamentar isso, em 1984 fizeram uma avaliação interna, considerando elementos como espaço físico, atividades, desempenho de estudantes e relação entre tutor e bolsistas.

Considerando a avaliação que Mello Filho (2019) expôs, o PET tinha problemas, como falta de regras claras e pouco acompanhamento dos grupos. No entanto, revelou algo importante: os alunos do PET aprendiam mais, se destacavam e auxiliavam a aprimorar os cursos de graduação. Em vista disso, a CAPES decidiu por não encerrar o PET, mas sim melhorá-lo e ampliar o programa. Essa decisão marcou o fim da fase de testes e o início de uma nova etapa do PET. Entre 1986 e 1989, o PET entrou na sua fase de institucionalização, ou seja, passou a ser mais organizado e reconhecido oficialmente. Com base nos resultados da avaliação anterior, a CAPES aumentou o número de grupos e universidades participantes, e as próprias instituições passaram a ter mais responsabilidade na gestão do programa.

Conseqüentemente, segundo Martin (2005), o PET foi então ligado à Coordenadoria de Bolsas no País (CBP), que colaborou para aproximar o programa das Pró-Reitorias de Pós-Graduação, o que favoreceu a sua expansão sem perder o controle. Nessa fase, inclusive, buscou-se superar a imagem de elitismo do PET e fortalecer seu papel como um programa que melhora a graduação. Além disso, o que podemos destacar como uma conquista considerável, foi a criação do Manual de Orientações Básicas, que sancionou regras como o número máximo de 12 alunos por grupo e a obrigação de cada grupo fazer planejamentos e relatórios semestrais para avaliação.

De acordo com Mello Filho (2019), ao longo de 1990 e 1992, o PET passou pela fase chamada de expansão desordenada. A CAPES aumentou bastante o número de grupos, de 77 para 237, e consolidou a presença do programa nas universidades públicas. Publicou também o Manual de Orientações Básicas (MOB) e criou algumas regras novas como a idade máxima de 22 anos para entrar no programa, prêmio de bolsa de mestrado para bolsistas que se destacassem e criação do professor visitante recorrente, que visitava grupos de outras universidades. As

avaliações só voltaram em 1992, mas com uma nova visão, sendo usadas para proteger os princípios e objetivos do PET.

Martin (2005), reitera que entre 1993 e 1994, o PET entrou na fase de reorganização, a qual foi chamada de fase de consolidação. Depois dos problemas causados pela expansão rápida nos anos anteriores, a CAPES decidiu recuperar o programa, melhorando a qualidade e o desempenho dos grupos. Os grupos tiveram que reorganizar suas atividades para seguir os objetivos e a filosofia do PET. Essa fase fortaleceu o programa, preparou o PET para resistir a mudanças políticas futuras e valorizou o acompanhamento e a qualidade do trabalho dos grupos.

Pelo ponto de vista de Mello Filho (2019), em 1994 no Brasil, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, houve cortes de gastos na educação, principalmente no ensino superior. Isso afetou diretamente o PET, que teve várias reduções, onde o número de bolsas caiu de doze para seis, foram extintas as bolsas para professores e tutores, acabaram os apoios financeiros aos grupos e não houve mais bolsas de pós-graduação para os alunos-destaque. A CAPES passou a considerar o PET caro e pouco produtivo, e cogitou encerrar o programa. Para esclarecer essa decisão, foi encomendada, em 1997, uma avaliação feita pela USP, coordenada pela professora Elizabeth Balbachevsky. A pesquisa entrevistou quase 300 professores e mais de 700 alunos (tanto do PET quanto de fora dele). O objetivo era entender se o PET realmente contribuiu para melhorar os cursos de graduação. Os resultados da avaliação foram surpreendentes, e discordaram da expectativa de quem queria acabar com o programa.

Ainda segundo Mello Filho (2019), a pesquisa mostrou que os alunos do PET tinham uma formação mais completa do que os de outros programas, como os da iniciação científica (IC). Eles participavam mais das aulas, se envolviam mais com o curso e tinham melhor aproveitamento acadêmico. Além disso, os petianos também participavam mais de atividades de pesquisa e extensão, o que ajudava a melhorar a qualidade dos cursos onde atuavam, principalmente quando havia boa integração entre o grupo PET e a universidade. Também se comprovou na pesquisa que os petianos liam mais os textos obrigatórios, participavam de mais atividades extracurriculares, apresentavam mais trabalhos em eventos e tinham mais publicações científicas. Por fim, eram os que mais se destacavam em comparação com os bolsistas de IC e com os demais alunos.

Após uma pesquisa, Mello Filho (2019) mostra resultados positivos sobre o Programa PET, de acordo com uma avaliação realizada em 1997, analisando 144 grupos em 16 universidades. Essa nova análise confirmou que o PET era eficaz, ajudando no ensino, na pesquisa, na extensão e melhorando a relação entre alunos e professores. O programa também estimula a autonomia dos estudantes e os preparava para a pós-graduação. Apesar disso, o governo da época decidiu acabar com o PET, e a CAPES enviou um documento oficial determinando o fim do programa até o final de 1999.

Entre os anos de 1999 e 2000, Mello Filho (2019) afirma que na ocasião em que foi anunciada a extinção do PET, o programa já era grande, com 317 grupos em 59 universidades e milhares de estudantes envolvidos. Sendo assim, a tentativa de acabar com o PET acabou mostrando algo importante: a força de mobilização das pessoas envolvidas e o surgimento de lideranças na área da educação. A comunidade do PET, liderada por alguns tutores, iniciou uma grande resistência contra o fim do programa. Eles criaram grupos de discussão na internet e organizaram várias ações políticas para defender o PET.

No decorrer dessa mobilização, Mello Filho (2019) declara que, houve manifestações, audiências públicas e apoio de várias instituições importantes, como a SBPC, UNE e outras. O Congresso Nacional também apoiou a causa, o que fez o Ministério da Educação e a CAPES perceberem que não seria fácil acabar com o programa, devido à forte pressão social e política a favor do PET. A resistente mobilização da comunidade do PET teve um resultado histórico: no dia 11 de novembro de 1999, o governo voltou atrás e cancelou a decisão de acabar com o programa. O PET foi transferido para a Secretaria de Ensino Superior (SESu), o que fortaleceu sua ligação com as universidades e permitiu um diálogo mais aberto entre o governo, tutores e bolsistas.

Entretanto, conforme Martin (2005), em maio de 2000, o Ministério da Educação (MEC) buscou mais uma vez encerrar o programa. A comunidade do PET reagiu com firmeza e conseguiu realizar uma nova audiência pública no Senado. Na mesma audiência, o secretário da SESu revelou que a extinção era apenas um desejo pessoal do então ministro da Educação, o que levou à sua demissão. Com essa vitória foi reforçada a importância e relevância do PET e deu-se início a uma nova fase, chamada de "transição", marcada pela primeira reunião de reestruturação do programa. Esse momento foi marcado pelo começo da reorganização do PET dentro

do MEC, neste momento, já ligado à Secretaria de Ensino Superior (SESu). Foi proposto pelo governo mudanças que levariam ao enfraquecimento do programa, como reduzir o número de bolsistas, tirar o foco da pesquisa e extensão, restringir o PET apenas a cursos de licenciatura e limitar a permanência dos estudantes em apenas um ano. A comunidade petiana não aceitou essas mudanças e continuou lutando para manter o formato original do programa.

Segundo nos confere Mello Filho (2019), após um período de incertezas, o PET passou por um processo de valorização e fortalecimento. Um projeto de lei propôs torná-lo uma política permanente, e com novas lideranças no MEC, o diálogo com a comunidade melhorou, as bolsas foram regularizadas e ocorreu o I Seminário Nacional do PET. Foram criadas portarias, um novo manual de orientações e uma comissão nacional de acompanhamento. Com a Lei 11.180/2005, sancionada pelo presidente Lula, o PET se tornou oficialmente uma política pública, com regras claras e maior participação da comunidade acadêmica. Além disso, um estudo com ex-integrantes do programa mostrou que a maioria teve sucesso profissional, destacando o impacto positivo do PET no desenvolvimento de habilidades como liderança, trabalho em equipe e compromisso social e ético.

Mello Filho (2019), conforme seu entendimento nos afirma que no decorrer de 2005 e 2010, o PET passou por uma grande ampliação. Os grupos tiveram um aumento bastante considerável, com criações de grupos em diversas instituições, inclusive nas regiões menos atendidas do país, promovendo mais equidade regional. Esse ciclo foi marcado pelo fortalecimento institucional do programa, com apoio político e orçamentário, o que levou a garantir a continuidade das bolsas e das atividades dos grupos. Há também um maior reconhecimento do impacto positivo do PET na formação acadêmica dos estudantes e na relação da universidade com a sociedade, especialmente por meio de ações de ensino, pesquisa e extensão. Podemos afirmar que foi um período de consolidação para o PET como um programa estratégico para a melhoria da graduação no Brasil, ganhando visibilidade e importância dentro das instituições de ensino superior.

O Programa de Educação Tutorial (PET), conforme Mello Filho (2019) construiu uma trajetória visivelmente marcada por superações e resistência a diversas tentativas de extinção, permanecendo firme graças a sua capacidade formativa e ao compromisso com seus princípios. Em 2005, surgiu o Movimento MOBILIZA PET, com a missão de manter os petianos unidos e mobilizados na defesa do programa, sempre

guiados pelos valores da educação tutorial, que incluem ensino, pesquisa, extensão, diálogo e participação ativa. Independentemente da mobilização constante da comunidade petiana, o PET enfrenta atualmente diversos desafios importantes para garantir sua continuidade, qualidade e coerência com seus princípios. Entre esses desafios, podemos destacar que é necessário que as Instituições de Ensino Superior (IES) se comprometam de forma mais efetiva com o PET, oferecendo apoio institucional, estrutura física e valorizando os princípios da educação tutorial, exigindo que tutores e bolsistas compartilhem igualmente responsabilidades e participem ativamente do PET, sendo fundamental que o tutor respeite a filosofia do Programa e não o utilize para interesses pessoais.

A história do Programa de Educação Tutorial (PET), segundo Mello Filho (2019), desde sua criação em 1979 até o ano de 2005, foi sistematizada em seis fases: (1) 1979- 1985 – experimental; (2) 1986-1989 – institucional; (3) 1990-1992 – fase da expansão desordenada; (4) 1993-1994 – fase de consolidação; (5) 1995-1997 – desestruturação interna; e, (6) 1998-2005 – desestruturação interna e externa.

Segundo nos fala Rosin et al. (2017), até 2005 o Programa de Educação Tutorial (PET), criado em 1979, passava por uma fase de "pré-institucionalização", marcada pela ausência de uma base legal que garantisse sua estabilidade, ficando vulnerável às mudanças políticas e ideológicas dos governos. A partir de 2005, com a Lei nº 11.180, o PET ganhou um respaldo jurídico, sendo oficialmente destinado ao fomento de grupos de aprendizagem tutorial com concessão de bolsas. Posteriormente, a Portaria nº 976/2010 (republicada em 2013) reforçou a organização do PET em torno da graduação, orientada por um professor tutor, mantendo a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, além de estimular a contribuição dos grupos para políticas públicas e desenvolvimento social.

Pela percepção de Mello Filho (2019), as avaliações sempre foram essenciais para aprimorar o PET. No entanto, o sistema de avaliação próprio do Programa precisa ser reanimado e aplicado com urgência, com apoio do MEC. Isso ajudará a corrigir desvios e mostrar a relevância do programa de forma concreta. Apesar das portarias que regulamentam o PET (976/2010 e 343/2010), ainda há problemas sérios na seleção de tutores e bolsistas, muitas vezes, devido a interferências pessoais ou decisões arbitrárias por parte de gestores ou comitês locais (CLAA-PET). É necessário tornar as regras mais claras e rigorosas, para garantir processos seletivos justos e alinhados com os princípios do PET.

Por fim, Mello Filho enfatiza que o PET precisa registrar dados que comprovem seu impacto no ensino superior para se defender de possíveis críticas ou ameaças, mas a falta de iniciativa da SESu e das CLAAs dificulta esse processo. Para manter sua importância, o programa deve ser mobilizado, bem avaliado e administrado. Sem essas ações, fica vulnerável a críticas e decisões políticas negativas. Mesmo assim, após 40 anos, o PET continua sendo um programa eficiente, com grandes contribuições de professores e alunos para a melhoria da educação no Brasil. Este histórico evidencia que o PET está presente em várias instituições de ensino superior no Brasil, contribuindo significativamente para a melhoria da qualidade dos cursos de graduação. Em seus mais de 40 anos de existência, o PET tem se apresentado como um programa resiliente e inovador, capaz de se adaptar às mudanças e aos desafios das políticas educacionais brasileiras. Seu sucesso contínuo reforça a importância de políticas públicas que incentivam iniciativas voltadas para a promoção da cidadania e a relevância acadêmica e a formação de profissionais críticos, éticos e preparados para atuar de forma transformadora na sociedade.

E assim, este trabalho busca compreender de que forma a avaliação desenvolvida no grupo PET-Letras da Unipampa colabora para uma eficaz formação de profissionais comprometidos com a transformação social.

2.2 O PET-Letras do campus Bagé/Unipampa

O Programa de Educação Tutorial do curso de Letras (PET-Letras Bagé) da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) foi criado a partir da aprovação do primeiro edital institucional e teve seu início no dia 08 de dezembro de 2010 a partir do lote B do edital N° 09/2010, publicado pelo Ministério da Educação (Brasil, 2010), o programa visa incentivar a formação acadêmica articulada à indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

O Preâmbulo do edital reafirma a importância do princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, que é a base de toda a proposta pedagógica do programa. Entre seus objetivos destacam-se: desenvolver atividades acadêmicas em padrões de excelência, por meio de grupos de aprendizagem tutorial de natureza coletiva e interdisciplinar; contribuir para a elevação da qualidade da formação dos estudantes de graduação; reduzir a evasão e promover o sucesso acadêmico; formar profissionais e docentes de elevada qualificação acadêmica, científica, tecnológica e

cultural; estimular a cidadania ativa e a ética profissional; modernizar o ensino superior no país e corrigir desigualdades sociais e regionais. Ao apresentar tais metas, o edital evidencia a preocupação do MEC em consolidar o PET não apenas como uma política de concessão de bolsas, mas como um espaço formativo integral, voltado à construção de competências técnicas, científicas e humanas.

Com a meta de criar até 300 novos grupos PET, o edital organizou a distribuição em lotes para contemplar as especificidades das instituições e corrigir desigualdades regionais. Entre esses, destaca-se o Lote B, que destinou até 30 novos grupos às Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) que possuíam menos de cinco grupos PET. Essa estratégia foi decisiva para possibilitar a interiorização do programa, alcançando campus que, até então, não contavam com essa iniciativa, e promovendo maior equidade entre as instituições. Foi nesse contexto que a Unipampa teve a oportunidade de ampliar sua atuação com a criação de novos grupos, entre eles o PET-Letras, que passou a integrar a política de fortalecimento da formação acadêmica e cidadã de estudantes da região da Campanha Gaúcha.

O item 3 trata da elaboração da proposta, reforçou a exigência de qualidade para a criação dos novos grupos, estabelecendo critérios claros: as propostas deveriam estar articuladas ao Projeto Pedagógico Institucional, evidenciar a atuação coletiva entre bolsistas em diferentes etapas do curso, integrar ensino, pesquisa e extensão, contribuir para a redução da evasão e melhoria do desempenho acadêmico, promover formação pedagógica, adotar abordagem interdisciplinar e incluir o uso de tecnologias e metodologias de apoio à aprendizagem. Esses elementos demonstram que a política pública buscou não apenas expandir numericamente o programa, mas garantir sua relevância e impacto social nas comunidades acadêmicas e locais.

Refletindo sobre esse processo, percebe-se que a criação do PET-Letras na Unipampa foi fruto direto dessa política de expansão e de interiorização, tornando possível que estudantes de uma universidade jovem e localizada no interior do Rio Grande do Sul tivessem acesso a um espaço formativo singular. Como participante do grupo, consigo vivenciar concretamente o que o edital propunha: a articulação entre teoria e prática, a vivência da pesquisa e da extensão integrada à sala de aula e o desenvolvimento de competências como protagonismo, autonomia e trabalho em equipe. Essa experiência confirma que políticas públicas bem delineadas, como o Edital nº 9/2010, podem transformar trajetórias acadêmicas individuais e coletivas,

gerando impactos não apenas na formação profissional, mas também no fortalecimento de valores éticos, críticos e sociais que marcam a identidade do PET.

Assim como outros grupos, tem como base a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, e é formado por grupos de estudantes de graduação do curso de Licenciatura em Letras, orientados por um tutor, docente permanente do curso.

A professora Elenice Maria Larroza Andersen (CPF:887.818.790-91), psicóloga e pedagoga, foi a primeira tutora do PET-Letras Bagé da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), atuando no período de 08/12/2010 a 30/03/2015. Seu trabalho foi decisivo para a implantação e consolidação inicial do grupo, marcando o início de uma trajetória pautada pela integração entre ensino, pesquisa e extensão. Sua atuação pioneira, com certeza deixou bases sólidas para o desenvolvimento das atividades do grupo nos anos seguintes, sendo fundamental para a construção da identidade e dos valores que ainda orientam o PET-Letras Bagé.

No período de 02/05/2015 a 06/07/2016, a professora Carolina Fernandes (CPF:005.006.500-98) assumiu a tutoria do PET-Letras Bagé, dando continuidade às ações voltadas à formação acadêmica e ao fortalecimento da integração entre universidade e comunidade.

Entre 07/07/2016 a 13/04/2019, a tutoria esteve sob responsabilidade da professora Mônica Ferreira Cassana (CPF:005.239.940-01), que desenvolveu atividades voltadas à articulação entre ensino, pesquisa e extensão, incentivando a produção acadêmica e a ampliação das experiências formativas dos petianos.

A partir de 15/04/2019, a tutoria do grupo retornou à professora Carolina Fernandes e, em 01/05/2025, foi novamente selecionada, evidenciando o reconhecimento institucional de sua trajetória e da relevância de sua atuação para o fortalecimento do PET-Letras Bagé. Docente da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) desde 2011, vinculada ao curso de Letras-Português e Literaturas de Língua Portuguesa, a professora Carolina representa uma tutora que vai além de suas atribuições institucionais. Sua presença constante, sua escuta atenta e seu incentivo diário refletem um compromisso genuíno com a formação integral dos petianos. Mais do que orientar projetos e ações, ela inspira, motiva e cria um ambiente de confiança e aprendizado mútuo, no qual cada integrante é encorajado a desenvolver suas potencialidades acadêmicas, pessoais e humanas.

Além disso, destaca-se por sua postura ética, sensibilidade pedagógica e capacidade de mediação, conduzindo o grupo com equilíbrio entre rigor acadêmico e

acolhimento. Atua com protagonismo na elaboração de atividades formativas, no acompanhamento dos processos avaliativos e na articulação entre universidade e comunidade, reforçando o caráter social e transformador do PET. Sua liderança comprometida, somada ao cuidado com a trajetória de cada bolsista, consolida o PET-Letras Bagé como um espaço de pertencimento, crescimento intelectual e desenvolvimento humano.

No ano de 2025 o grupo era composto por dez bolsistas, além da tutora, que coordena as atividades do grupo. A partir de outubro desse mesmo ano, tivemos o ingresso de mais dois bolsistas e cinco voluntários para compor o grupo PET-Letras Bagé. Os integrantes participam ativamente de todas as etapas de planejamento, execução e avaliação dos projetos e ações desenvolvidas, assumindo diferentes responsabilidades conforme suas habilidades e interesses. Essa composição favorece uma dinâmica colaborativa e interdisciplinar, na qual o trabalho coletivo e o diálogo constante se tornam elementos centrais do processo formativo. A diversidade de perfis e trajetórias acadêmicas entre os petianos enriquece as discussões e amplia as perspectivas de atuação do grupo, fortalecendo seu compromisso com a educação, a pesquisa e a extensão universitária.

Ao longo de suas edições, o PET-Letras realizou diversas atividades voltadas ao fortalecimento da leitura, da escrita e da formação docente, com destaque para projetos como as Rodas de Leitura, as Oficinas de Produção Textual, o Cine Debate, a Rádio Uni, a participação no SalvaGuarda e também as Monitorias e Reforços nas Escolas, a Revista Informe Letras, entre outras. Essas ações, desenvolvidas de forma colaborativa, reforçam o compromisso do grupo com a qualidade da formação dos graduandos e com o diálogo constante entre universidade e comunidade. Cada uma dessas ações, tem seus objetivos e metodologias próprias, porém, todas são orientadas pelos princípios da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, conforme apresentadas a seguir:

- a) Rodas de Leitura: constituem um espaço de diálogo e reflexão literária, no qual os petianos e convidados externos compartilham impressões, interpretações e sentimentos despertados pelas obras escolhidas. A dinâmica é participativa e busca valorizar a leitura como prática social, incentivando a construção coletiva de sentidos. Os encontros costumam contemplar autores de diferentes períodos e contextos, possibilitando o

exercício da escuta, da empatia e da análise crítica, além de fortalecer a formação leitora e o repertório literário dos participantes;

- b) Oficinas de Produção Textual: as oficinas são momentos voltados ao aprimoramento da escrita acadêmica, criativa e profissional. Nessas oficinas, os petianos elaboram e aplicam atividades práticas sobre temas como coesão e coerência, argumentação, gêneros textuais e normas da escrita científica. As oficinas são destinadas tanto a estudantes do curso de Letras quanto à comunidade escolar, funcionando como um espaço de mediação pedagógica e de desenvolvimento de competências comunicativas e didáticas. A proposta favorece também a formação dos petianos como futuros professores de língua portuguesa, que aprendem a planejar e conduzir práticas de ensino;
- c) Cine Debate: é uma atividade de extensão que leva curtas-metragens e filmes para escolas públicas e espaços comunitários, promovendo momentos de reflexão sobre temas sociais, culturais e educacionais. Após a exibição, os petianos conduzem um debate com os participantes, estimulando a interpretação crítica e o diálogo. Essa ação possibilita aos estudantes desenvolver habilidades de mediação e expressão oral, além de aproximar o grupo PET-Letras das realidades e das vozes da comunidade escolar;
- d) Rádio Uni: é um projeto que alia comunicação, cultura e educação, com o objetivo de divulgar conteúdos formativos e culturais produzidos pelos petianos. Os episódios tratam de temas ligados à linguagem, à literatura, à educação e à atualidade, buscando aproximar o conhecimento acadêmico do público em geral. O processo de produção envolve pesquisa, escrita de roteiro, gravação e edição, de modo que os integrantes do grupo ampliam seus conhecimentos técnicos e sua capacidade de trabalho em equipe. As reuniões de avaliação após cada episódio permitem refletir sobre a qualidade do conteúdo e sobre os aprendizados gerados na experiência;
- e) Salvaguarda: são realizadas correções mensais de redações no modelo ENEM, contribuindo para o aprimoramento das práticas de escrita de estudantes do ensino médio de escolas públicas. O projeto se configura como uma justificativa de aprendizado mútuo: os alunos aprimoram suas

competências linguísticas e argumentativas, enquanto os petianos desenvolvem habilidades de análise, correção e orientação pedagógica, aproximando-se da prática docente e fortalecendo sua formação como futuros professores de língua portuguesa;

- f) Monitorias e Reforços nas Escolas: Essas ações consistem em atividades de apoio pedagógico voltadas a estudantes da educação básica, especialmente em disciplinas relacionadas à leitura, escrita e interpretação textual. Os petianos realizam intervenções didáticas planejadas, oferecendo suporte individual ou coletivo conforme as necessidades de cada turma. Essas atividades fortalecem a relação entre universidade e escola e funcionam como campo de prática para os futuros professores, permitindo que desenvolvam sensibilidade pedagógica e experiência de sala de aula;
- g) Revista Informe Letras (ISSN 2447-1895): é uma publicação anual organizada integralmente pelo PET-Letras, abrangendo desde a concepção editorial até a revisão, diagramação e divulgação dos números. O periódico tem como objetivo divulgar produções acadêmicas, relatos de experiências, resenhas e reflexões voltadas às áreas de Linguística, Literatura e Ensino, funcionando como um importante espaço de socialização do conhecimento produzido dentro e fora da universidade. Além de contribuir para a circulação de saberes no campo das Letras, a revista representa um exercício de autoria e responsabilidade intelectual, tornando-se um instrumento formativo essencial na trajetória dos integrantes do grupo.

Em tese, todas essas ações aqui mencionadas, articulam-se de maneira integrada, promovendo a interlocução entre teoria e prática e ampliando os espaços de formação dentro e fora da universidade. Essas iniciativas, ao mesmo tempo em que fortalecem a dimensão científica, cultural e social do curso de Letras, também oportunizam aos petianos o desenvolvimento de competências essenciais à docência, à pesquisa e à extensão. Assim, o conjunto das atividades reafirma o compromisso do PET-Letras com uma formação crítica, criativa e humanista, pautada na autonomia intelectual, na responsabilidade social e no diálogo permanente entre universidade, escola e comunidade.

3. A AVALIAÇÃO: CONCEPÇÕES E FINALIDADES

A avaliação é um elemento fundamental para o desenvolvimento de qualquer atividade no âmbito do ensino. A concepção e finalidade inerentes a um processo avaliativo podem contribuir ou não para o alcance dos objetivos de uma determinada ação pedagógica. É nessa perspectiva que abordaremos a partir de agora, algumas reflexões sobre avaliação, para posteriormente contribuírem para a análise dos dados da referida pesquisa.

3.1. Concepção de Avaliação

Entendo a avaliação como um processo contínuo e formativo, que vai além de medir resultados. Ela serve para acompanhar a aprendizagem, repensar a prática docente e promover o avanço dos estudantes, valorizando mais a reflexão do que apenas provas e notas.

Conforme a reflexão de Cipriano Carlos Luckesi (2022), no livro “Avaliação em Educação: questões epistemológicas e práticas”, o autor se refere à compreensão da avaliação de uma forma mais ampla, isto é, ela vai além de um instrumento de medição e classificação, a avaliação passa a ser um ato cuidadoso, voltado ao diagnóstico da realidade e à promoção da aprendizagem. Inspirado por essa concepção, busca encarar a avaliação como um processo contínuo e reflexivo, capaz de acolher os avanços e as dificuldades dos estudantes sem julgamentos, mas sim, contribuindo com o seu crescimento e desenvolvimento em sua vida discente. Avaliar, segundo essa perspectiva, é um gesto ético e pedagógico que exige sensibilidade, escuta e compromisso com o desenvolvimento integral do estudante, princípios esses, que procuro considerar em cada etapa neste trabalho.

O autor Cipriano Luckesi (2022) inicia seu texto afirmando que avaliar é uma ação natural e essencial do ser humano. Desde as situações mais simples do cotidiano até os processos mais elaborados de reflexão crítica, estamos constantemente avaliando. Isso acontece porque todas as nossas decisões envolvem algum tipo de julgamento sobre a realidade, mesmo que de forma inconsciente. A avaliação, portanto, segundo o autor, é um recurso que utilizamos para orientar nossas escolhas, sempre na expectativa de alcançar algum resultado positivo. De acordo com Chuieiri (2008), a avaliação se faz presente em todos os domínios

da atividade humana. O “julgar”, o “comparar”, isto é, “o avaliar” faz parte de nosso cotidiano.

Para Luckesi (2022), avaliar é, acima de tudo, investigar a qualidade de algo, diferente da ciência, que procura explicar como os fenômenos funcionam, a avaliação está interessada em saber se determinada realidade corresponde ou não a certos critérios ou padrões previamente definidos. Por isso, o ato de avaliar exige clareza quanto ao objeto que será analisado e também sobre os parâmetros que servirão como referência para considerar algo satisfatório ou não.

Cipriano Luckesi (2022, p. 26) nos afirma que:

Epistemologicamente, o ato de avaliar é um ato de investigar a qualidade da realidade, fato que implica conhecimento, seja ele adquirido pelos recursos do senso comum ou em decorrência do uso de procedimentos metodologicamente consistentes, encerrando-se no momento em que revela a qualidade da realidade.

O autor deixa claro que a avaliação é um ato intencional e cuidadoso, que envolve planejamento, observação e interpretação. Ela deve ser feita com honestidade e clareza, sempre com o objetivo de melhorar o processo de ensino e aprendizagem. Assim, a avaliação vai além das provas e notas, buscando realmente apoiar o crescimento dos estudantes.

Para Luckesi (2022), o uso da avaliação como diagnóstico faz parte da vida de todos os seres humanos. Em qualquer situação do dia a dia, estamos sempre avaliando o que está acontecendo à nossa volta para decidir como agir. Isso acontece tanto de forma automática, nos hábitos do cotidiano, quanto de forma consciente e planejada, quando tomamos decisões mais complexas.

O autor afirma que um bom exemplo desse processo avaliativo é o funcionamento do nosso próprio corpo. O sistema nervoso atua como um avaliador contínuo, monitorando o que acontece tanto no interior de nosso organismo quanto no ambiente ao redor. A partir dessas informações, ele toma decisões automáticas para manter o equilíbrio do corpo e, quando necessário, envia sinais de dor ou cansaço para indicar que algo precisa ser cuidado. Ou seja, avaliar é algo natural e indispensável à vida humana, pois é a partir da avaliação que fazemos escolhas e agimos em busca de melhores resultados e qualidade de vida.

Para mudar a forma tradicional de avaliar, Cipriano Luckesi (2022), propõe uma nova maneira de pensar a avaliação, baseada na valorização do ser humano. Ele

defende que a avaliação deve ajudar o aluno a se desenvolver com autonomia, criando um ambiente mais democrático e acolhedor na sala de aula. Nesse sentido, a avaliação deixa de ser punitiva e passa a ser usada como uma ferramenta para entender a realidade do aluno, analisar as informações coletadas e tomar decisões que favoreçam o aprendizado. O foco passa a ser o crescimento de cada estudante, respeitando seu ritmo e sua história, em vez de apenas classificá-lo ou julgá-lo.

Luckesi (2022, p. 59) afirma que:

O fato é que o ser humano age com base em escolhas “do que e de como fazer” diante das ocorrências da vida. E, essas escolhas assentam-se na identificação e no reconhecimento da qualidade da realidade, decorrente de sua investigação, ocorra essa investigação de modo habitual e comum ou de modo intencional e consciente.

Nesse sentido, o autor reforça a ideia que toda ação humana é resultado de escolhas baseadas em alguma forma de avaliação. E, mesmo sem perceber, as pessoas estão sempre observando e analisando o que acontece ao seu redor para decidir como agir. Essas decisões podem ser feitas de forma automática, no dia a dia, ou de maneira consciente e planejada, dependendo da situação. Ou seja, avaliar faz parte do nosso modo natural de viver e de tomar decisões que ajudam a lidar melhor com a realidade.

3.2. Avaliação na Educação

A educação deve formar pessoas críticas e conscientes, e a avaliação tem um papel importante nisso. Mais do que dar notas, ela ajuda a entender a aprendizagem dos alunos e a repensar as práticas de ensino, tornando o processo mais justo, significativo e transformador.

Dentro desse contexto, Chuieiri (2008) analisa a relação entre diferentes concepções pedagógicas e os significados atribuídos à avaliação no contexto escolar. A autora parte do pressuposto de que a avaliação escolar não é uma prática neutra, mas reflete valores, normas e concepções pedagógicas subjacentes. Ela destaca que avaliar implica “julgar” e “comparar” não apenas no cotidiano, mas de forma sistematizada no ambiente escolar, sempre articulada a um projeto educativo.

A autora organiza sua análise em quatro grandes categorias: a avaliação como exame, típica da Pedagogia Tradicional; a avaliação como medida, ligada à Pedagogia Tecnicista; a avaliação como instrumento de classificação e regulação do

desempenho discente; e, por fim, a avaliação qualitativa, voltada à compreensão mais ampla e processual da aprendizagem.

Segundo Chuieiri (2008), para começar, a avaliação como exame, ligada ao modelo da Pedagogia Tradicional, funciona de forma seletiva e punitiva. Surgida no século XVI, principalmente em colégios jesuítas e escolas voltadas para elites, essa forma de avaliar era vista como um ato de julgamento. Fazer provas significava escolher quem passava e quem era excluído. Nessa perspectiva, avaliar e aplicar exames eram a mesma coisa, reforçando normas rígidas e hierarquias dentro da escola. Na sequência, surge a avaliação como medida, vinculada à Pedagogia Tecnicista, que se fortaleceu no início do século XX com o advento da psicometria e os testes padronizados de Binet, Thorndike e Spearman. Nesse modelo, avaliar passou a significar quantificar habilidades por meio de instrumentos confiáveis e objetivos. Embora tenha representado avanço na objetividade, tal perspectiva ignorava a subjetividade e o contexto, reduzindo a avaliação à mensuração do resultado, atribuindo notas de zero a dez.

Em terceiro lugar, a autora nos diz que a avaliação evolui para uma função classificatória e reguladora, extrapolando a simples mensuração. Aqui, as notas determinam trajetórias — aprovam ou retêm, certificam ou excluem —, produzindo efeitos decisórios sobre os alunos. Ao mesmo tempo, emergem preocupações com a avaliação formativa, que busca regular o processo de aprendizagem por meio de *feedbacks* contínuos e intervenções pedagógicas, por fim, ainda segundo nos diz Chuieiri (2008), a avaliação qualitativa representa uma ruptura com modelos anteriores e se consolida como abordagem processual, reflexiva e contextualizada. Ampara-se em estratégias como portfólios, relatórios, registros de observação e autoavaliação, de modo a compreender a complexidade do desenvolvimento do aluno. A finalidade passa a ser “avaliar para qualificar”, considerando aspectos subjetivos, diferenciais individuais e contextuais.

Conforme destaca Chuieiri (2008), embora distintas, essas quatro concepções ainda coincidem com a realidade escolar contemporânea, significando que práticas tecnicistas, classificatórias e qualitativas convivem nos sistemas de avaliação. Essa persistência evidencia que as mudanças nos modos de avaliar estão profundamente vinculadas às concepções de educação que se impuseram desde a institucionalização da escola.

Mary Stela Ferreira Chuieiri (2008, p. 52) nos diz que:

[...] podemos partir do pressuposto de que a avaliação, como prática escolar, não é uma atividade neutra ou meramente técnica, isto é, não se dá num vazio conceitual, mas é dimensionada por um modelo teórico do mundo, de ciência e de educação, traduzida em prática pedagógica.

A autora explica que a avaliação feita na escola não é algo neutro ou apenas uma tarefa técnica. Isso significa que, ao avaliar, o professor está sempre seguindo uma forma de pensar sobre o mundo, sobre a ciência e sobre a educação. Em outras palavras, a maneira como se avalia depende das ideias e valores que orientam a prática pedagógica. Assim, cada modelo de avaliação está ligado a uma visão de ensino e aprendizagem, e não acontece de forma isolada ou sem intenção.

Silva e Gomes (2018) desenvolvem uma análise aprofundada sobre as múltiplas concepções que atravessam a avaliação educacional, evidenciando sua constituição histórica e os condicionantes sociais que impulsionaram a adoção de determinados paradigmas em detrimento de outros. Os autores argumentam que, no contexto contemporâneo, não há uma hegemonia de um modelo único de avaliação, mas sim a coexistência — muitas vezes conflituosa — de abordagens tecnicistas, formativas e qualitativas. Tal hibridismo expressa um campo em disputa, no qual se articulam avanços, como a valorização da autoavaliação e do acompanhamento processual da aprendizagem, e retrocessos, como a persistência de avaliações padronizadas e classificatórias. Nesse cenário, compreender as tensões entre esses paradigmas torna-se essencial para uma leitura crítica das políticas avaliativas e de seus efeitos sobre a prática pedagógica, os processos de ensino-aprendizagem e os ideais de justiça educacional.

Silva e Gomes (2018, p. 381), afirmam:

Talvez o melhor fosse romper com a ortodoxia e particularidade de cada tendência de concepção de avaliação, indicando, como elemento na concepção híbrida, o princípio da flexibilidade paradigmática nas práticas avaliativas em face da complexibilidade do fenômeno educativo desvelado nas políticas de avaliação, ou seja, reconhecendo a necessidade de equilibrar a ênfase das políticas de avaliação entre a qualificação, objetivos, metas e processos.

Com base nos autores, diante da complexidade do fenômeno educativo, não basta adotar apenas uma concepção rígida de avaliação — seja ela tecnicista, formativa ou crítica. Os autores defendem que o mais adequado seria adotar uma

postura mais flexível, capaz de articular diferentes perspectivas de forma equilibrada e consciente. Essa "flexibilidade paradigmática" permitiria que as práticas avaliativas fossem ajustadas às múltiplas dimensões da educação, considerando tanto os objetivos e metas educacionais quanto os processos de ensino-aprendizagem. Em outras palavras, a avaliação não deve ser pensada de forma isolada ou dogmática, mas como um instrumento plural e contextualizado, sensível às exigências das políticas públicas e às realidades das escolas.

Sousa (2000), por sua vez, ao tratar da avaliação educacional, afirma ser importante considerar suas diferentes dimensões e finalidades no contexto escolar e institucional. Nesse sentido, o autor destaca que a avaliação não deve ser compreendida apenas como instrumento de medição do rendimento dos alunos, mas como um processo complexo, que envolve também a análise das políticas públicas, da gestão institucional e das práticas pedagógicas. Para o autor, é necessário articular as avaliações do sistema, da instituição, dos professores e dos próprios estudantes, reconhecendo que esses níveis se influenciam mutuamente. Essa perspectiva amplia a função da avaliação, situando-a como parte integrante da melhoria da qualidade da educação e da formação crítica dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

O mesmo autor (2000, p. 104) ainda nos diz o seguinte:

Identificar se o aluno está aprendendo. (Isto é, compreender que ensino sem aprendizagem é um conjunto vazio, não tem nenhuma significação. Distinguir as razões e as condições que têm levado o aluno apresentar determinadas dificuldades. Diante das dificuldades apresentadas pelos alunos, o professor pesquisa o que está acontecendo, verifica se a dificuldade do aluno se deve a falta de pré-requisito ou se deve a outro fator, desenvolve meios para melhor diagnosticar as dificuldades).

Para este autor, a avaliação deve ter como foco principal identificar se o aluno está, de fato, aprendendo, pois ensinar sem promover a aprendizagem não tem sentido. Segundo o autor, quando o estudante apresenta dificuldades, o papel do professor é investigar as causas desse problema, analisando se a dificuldade está relacionada à falta de conhecimentos anteriores ou a outros fatores. A partir dessa análise, o professor deve buscar estratégias para compreender melhor a situação e criar formas de superar os obstáculos, favorecendo o processo de aprendizagem. Essa visão reforça a importância da avaliação como um instrumento de apoio e orientação pedagógica, e não apenas de controle ou punição.

Em uma breve análise sobre como os autores refletem sobre avaliação, verificou-se alguns elementos importantes, tais como: a avaliação deve ser um instrumento construtivo, que possa colaborar na retomada ou redirecionamento de um planejamento, se necessário, bem como promover melhorias e avanços. A avaliação deve contribuir para qualificar e não para punir ou causar medo e insegurança. Portanto, dessa maneira, os autores defendem uma concepção de avaliação voltada ao desenvolvimento, que valoriza o diálogo, o acompanhamento contínuo e a construção coletiva do conhecimento, reafirmando seu papel formativo e transformador no processo educativo.

3.3. Avaliação de Projetos

De acordo com Bauer e Fernandes (2022), a avaliação de projetos educacionais não deve acontecer só no final, para verificar se os objetivos foram alcançados. Ela precisa ser feita de forma contínua, ao longo de todo o desenvolvimento do projeto. Esse tipo de avaliação ajuda a acompanhar o que está sendo feito, identificar o que pode ser melhorado e fazer mudanças quando necessário. Assim, a avaliação se torna uma ferramenta que contribui para que o projeto funcione melhor e alcance resultados mais positivos. A avaliação formativa tem como principal objetivo contribuir para a melhoria dos projetos enquanto eles ainda estão em andamento. Ela permite identificar falhas, fazer ajustes, corrigir rotas e planejar novamente, sempre que necessário. Esse tipo de avaliação valoriza a observação das práticas e o envolvimento direto dos participantes, como professores, coordenadores e outros agentes, promovendo uma aprendizagem constante durante a execução das ações.

No entanto, os autores destacam que, apesar de ser considerada essencial no campo educacional, a avaliação formativa e participativa ainda é pouco utilizada na prática. Grande parte das avaliações dá ênfase apenas aos resultados finais, sem considerar o acompanhamento dos processos ao longo do tempo. Por isso, é importante mudar essa postura, adotando uma avaliação contínua, reflexiva e colaborativa. Essa abordagem fortalece o aprendizado institucional, melhora a tomada de decisões e contribui para que os projetos se tornem mais eficazes e sustentáveis. “As autoras explicam esse fato pela lacuna na disseminação das propostas de avaliação realizadas e pela escassez, à época, de publicações destinadas à temática da avaliação de programas e políticas ou pesquisa de avaliação”. Segundo Bauer e

Fernandes (2022, p. 5), um dos motivos pelos quais a avaliação formativa ainda é pouco utilizada na educação é a falta de divulgação desse tipo de prática. As autoras explicam que, na época, quase não havia publicações ou estudos voltados especificamente para a avaliação de programas, projetos e políticas educacionais. Por isso, muitas vezes a avaliação acabou sendo feita de forma tradicional, focada apenas nos resultados finais. Essa falta de materiais e propostas mais participativas dificultou o desenvolvimento de uma cultura de avaliação que acompanhe os processos e envolva quem está diretamente ligado ao projeto.

De acordo com Carneiro e Bin (2019), a avaliação continuada de programas educacionais propõe uma nova forma de pensar e praticar a avaliação, especialmente no contexto da educação superior. Em vez de ser realizada apenas em momentos pontuais, como no início ou no final de um projeto, a avaliação continuada acompanha toda a trajetória da política ou programa. Isso significa que ela está presente desde a sua concepção até os desdobramentos e resultados, funcionando como uma ferramenta permanente de análise e tomada de decisões.

A partir da experiência de um programa inovador de uma universidade pública, as autoras mostram que a avaliação continuada é tanto um conceito novo quanto uma prática desafiadora no campo das políticas públicas. Esse modelo avaliativo tem o objetivo de gerar informações constantes que possam orientar ajustes, redirecionamentos e aprimoramentos, tornando o processo mais eficaz e coerente com os objetivos educacionais.

Essa pesquisa desenvolvida por Carneiro e Bin (2019) destaca duas contribuições principais: primeiro, ajuda a entender como estruturar um sistema de avaliação que realmente funcione de maneira contínua; segundo, aponta como esse sistema pode ser colocado em prática, revelando os benefícios da geração constante de dados e também os obstáculos enfrentados, como a necessidade de integrar efetivamente os resultados da avaliação às decisões de gestão.

Portanto, essa proposta reforça a ideia de que avaliar não é apenas verificar se metas foram cumpridas, mas sim criar uma dinâmica de acompanhamento reflexivo, capaz de contribuir com a melhoria contínua dos programas educacionais. Para os projetos acadêmicos, esse tipo de avaliação amplia a compreensão do que é qualidade e relevância no ensino superior, valorizando processos, contextos e impactos de forma mais abrangente.

Adriana Bauer (2019), ao refletir sobre a avaliação de projetos educacionais, enfatiza que não basta mensurar indicadores ou resultados, é preciso estabelecer o que é considerado “bom” desde o início. Nesse sentido, ela questiona: “quão ‘bom’ é suficiente?”, e destaca que: “O aspecto valorativo parece indissociável da avaliação de programas, como pode ser observado inclusive pela própria definição do que é esse tipo de avaliação, na perspectiva de diversos autores” (Bauer, 2019, p. 16).

Isso demonstra que toda avaliação carrega julgamentos sobre valor e mérito, sendo essencial que os critérios adotados, sejam de relevância, efetividade, utilidade ou sustentabilidade do projeto. A autora argumenta que tais critérios devem alinhar-se aos objetivos institucionais e serem compartilhados com os sujeitos avaliadores, garantindo transparência, consistência e legitimidade. Ao explicitar os critérios de valoração, a avaliação deixa de ser um procedimento técnico isolado e torna-se um instrumento ético e formativo, capaz de qualificar continuamente o projeto e responder à pergunta fundamental sobre o padrão de qualidade desejado

3.4. Avaliação de Projetos em uma Perspectiva Contínua e Formativa

Um estudo recente publicado na revista Estudos em Avaliação Educacional dos autores Bauer e Fernandes (2022), analisou artigos sobre “Avaliação de programas e análise de políticas educacionais” produzidos entre 1991 e 2019. Os autores identificaram que, embora ambas as áreas tenham se desenvolvido, ainda existe dificuldade em distinguir com clareza quando um estudo trata de avaliação ou de análise de políticas, já que muitos trabalhos se autodenominam avaliações, mas apresentam características mais próximas de análises de políticas.

O levantamento apontou que, nesse período, 50 artigos tratavam de avaliação de programas e apenas 15 de análise de políticas, indicando maior frequência das pesquisas avaliativas. No entanto, mesmo com esse crescimento, principalmente após 2012, a maior parte dos estudos ainda apresenta limitações metodológicas e teóricas, sendo predominantemente qualitativos e descritivos, com foco em poucos casos analisados.

Essa constatação reforça a importância de construir um campo de avaliação mais sólido, contínuo e formativo, capaz de oferecer referenciais teóricos consistentes, clareza conceitual e metodologias bem estruturadas. Uma avaliação com esse perfil não apenas verifica resultados, mas também acompanha o desenvolvimento dos projetos educacionais ao longo do tempo, identificando

fragilidades e potencialidades para subsidiar a tomada de decisões e a melhoria contínua de políticas e programas.

Como integrante do PET-Letras, pude perceber que essa forma de avaliação se aproxima muito da nossa realidade, pois não se trata apenas de medir números ou cumprir metas, mas de avaliar de forma viva e processual, refletindo sobre os impactos reais que cada ação gera. A cada projeto desenvolvido, a avaliação contínua nos permite corrigir rumos, aprimorar estratégias e fortalecer nossa atuação, garantindo que o programa continue cumprindo seu papel formativo para os estudantes e para a comunidade acadêmica.

Carneiro e Bin (2019) em seu artigo, nos afirmam que a avaliação continuada parte da ideia de que a avaliação não deve ocorrer apenas ao final de um programa ou política, mas precisa estar presente em todas as etapas do processo, desde sua formulação até a implementação e, se necessário, após seu término. Essa abordagem busca transformar a avaliação em um instrumento de aprendizado constante e tomada de decisão, permitindo ajustes e melhorias em tempo real. Historicamente, a avaliação esteve muito ligada a momentos finais, com foco em medir resultados e prestar contas. No entanto, essa prática mostrou-se limitada, pois dificulta a reconstrução dos objetivos originais e impede a correção de rumos durante a execução. Além disso, a avaliação pode ter caráter formativo (voltado a aprimorar processos enquanto acontecem) ou somativo (usado para decidir sobre a continuidade ou encerramento de uma política). Muitas vezes, ambas as abordagens se complementam.

O conceito de avaliação continuada propõe a criação de sistemas integrados de monitoramento e avaliação, que não só acompanhem o desempenho, mas também fortaleçam a capacidade institucional de planejar, prever resultados e lidar com a complexidade dos processos políticos. Essa prática busca tornar a avaliação mais dinâmica, participativa e útil, oferecendo informações confiáveis para gestores, formuladores de políticas e comunidades impactadas.

Apesar dos avanços, essa forma de avaliação ainda enfrenta desafios práticos, como falta de clareza nos objetivos, dificuldades metodológicas, ausência de dados históricos e pouco uso dos resultados produzidos. No entanto, ela representa um caminho promissor para políticas e programas que desejam eficiência, transparência e impacto duradouro.

A avaliação continuada, ao integrar monitoramento e ajustes constantes, fortalece a qualidade de programas e projetos. No contexto do PET-Letras, essa

perspectiva permite não apenas medir resultados, mas também aprimorar as ações de ensino, pesquisa e extensão, garantindo que as atividades atendam às reais necessidades acadêmicas e sociais.

No artigo de Adriana Bauer (2019) “Quão ‘bom’ é suficiente?”, a definição de critérios avaliativos de valor e mérito discute a forma como avaliamos programas e projetos sociais, especialmente na área da educação, destacando a importância de compreender os critérios que consideramos “suficientes” para julgar a qualidade de uma ação. A autora enfatiza dois conceitos centrais nesse processo: valor, que se refere ao impacto do programa sobre as necessidades reais das pessoas envolvidas, e mérito, que diz respeito à capacidade do programa de realizar com eficiência aquilo a que se propôs. “Caberia, pois, ao avaliador determinar com clareza o que pretende avaliar (objeto) e as dimensões de qualidade relacionada a esse objeto, a fim de definir possíveis critérios de mérito e de valor do programa”. Bauer (2019, p. 06).

Bauer analisou estudos, relatórios e artigos sobre avaliação de projetos e programas educacionais e percebeu que, no Brasil, ainda se fala pouco de forma clara sobre os critérios usados para avaliar a qualidade dessas ações. Ela mostra que, muitas vezes, aceitamos um padrão de qualidade sem entender bem como ele foi definido. Para compreender se um projeto é, de fato, “bom o suficiente”, é essencial definir com precisão os critérios que serão utilizados em sua avaliação. Isso significa considerar tanto o *mérito*, ou seja, verificar se o projeto consegue alcançar o que se propõe a fazer, e quanto o *valor*, analisando se seus objetivos produzem impacto real e positivo para as pessoas a quem se destina.

Diante de tudo isso, percebi que discutir avaliação de projetos de forma contínua e formativa não é apenas um exercício acadêmico, mas um compromisso com a transformação real das práticas educacionais. Ao vivenciar essa perspectiva no PET-Letras, compreendo que cada avaliação não se limita a números ou relatórios finais, mas se torna um processo vivo, que nos ajuda a crescer como estudantes, pesquisadores e futuros profissionais. Mais do que avaliar para aprovar ou reprovar, trata-se de aprender a olhar criticamente para cada ação, reconhecer suas fragilidades e potencialidades e, a partir disso, construir caminhos mais consistentes para o ensino, a pesquisa e a extensão.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho se engajou no campo da abordagem qualitativa, orientada por uma perspectiva descritivo-analítica, buscando não apenas mapear dados, mas interpretá-los, atribuindo significado às práticas avaliativas em um contexto específico de formação acadêmica. Movida por inquietações surgidas ao longo da minha trajetória como integrante do grupo PET-Letras da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), campus Bagé, esta investigação teve como objetivo compreender os percursos históricos que deram origem ao Programa de Educação Tutorial (PET) no cenário educacional brasileiro, bem como refletir criticamente, a partir da experiência vivenciada, sobre as formas de como a avaliação interna é concebida, desenvolvida e ressignificada no cotidiano do referido grupo. Assim, mais do que uma descrição técnica, este trabalho se propôs a lançar um olhar crítico e engajado sobre os sentidos que emergem da prática avaliativa no âmbito do PET, entendendo-a como espaço formativo, coletivo e em constante construção.

Na perspectiva de Munhoz e Noletto (2024), em seu trabalho: “Pesquisa em Educação e Abordagem Qualitativa”, elas nos mostram que a pesquisa em educação pode ser realizada por meio de diferentes abordagens metodológicas, sendo as mais comuns a quantitativa e a qualitativa. A abordagem quantitativa está voltada para a mensuração de dados e para a verificação de hipóteses, enquanto a qualitativa busca compreender, em profundidade, os fenômenos em seu contexto natural. As autoras ressaltam que essas abordagens não se excluem entre si, devendo ser escolhidas com base nas particularidades do objeto de estudo e na fundamentação teórica adotada.

Ainda segundo as autoras, a pesquisa qualitativa na área educacional se insere no campo mais amplo da pesquisa social, considerando que a escola é um espaço onde se produzem relações sociais complexas. Nesse sentido, esse tipo de abordagem permite investigar os significados, práticas e interações que se manifestam no cotidiano escolar, contribuindo para uma compreensão mais ampla e sensível dos processos educacionais. As autoras destacam que a escolha por essa abordagem deve considerar o objeto de estudo e a perspectiva teórica adotada, isto é, sendo especialmente pertinente quando se busca interpretar, e não apenas mensurar, a realidade pesquisada.

Dentro da perspectiva qualitativa de pesquisa, utilizei a pesquisa bibliográfica e a análise de conteúdo como técnicas de pesquisa. A análise de conteúdo, conforme

Munhoz e Noleto (2024), é um método de análise dos dados qualitativos que se baseia em procedimentos sistemáticos para categorizar e interpretar significados presentes em textos, discursos ou documentos. Seu objetivo é compreender os significados que aparecem de forma direta nos textos e também aqueles que estão menos visíveis, mas que podem ser percebidos a partir da análise cuidadosa do contexto. Por meio de etapas bem definidas, essa técnica permite identificar temas que se repetem, agrupar informações semelhantes e refletir sobre o que os dados revelam em relação ao problema de pesquisa.

Munhoz e Noleto (2024, p. 2) afirmam que:

Uma das principais características da pesquisa qualitativa é a utilização de técnicas como entrevistas, observação participante e análise de documentos, que permitem aos pesquisadores explorar as nuances e as particularidades dos contextos estudados. Além disso, essa abordagem valoriza a flexibilidade e a abertura para novas descobertas, permitindo que os pesquisadores ajustem seus métodos e direcionamentos à medida que avançam na investigação.

Averiguando o trabalho “Análise de Conteúdo em Pesquisa Qualitativa” de Sousa e Santos (2020), notei que a proposta deles é compreendida como uma técnica sistemática e flexível para examinar dados qualitativos, como entrevistas, documentos e registros. Essa abordagem se desenvolve por meio de etapas organizadas como: a pré-análise, a codificação, a categorização e a interpretação, permitindo ao pesquisador identificar temas recorrentes, significados explícitos e sentidos implícitos presentes no material analisado. Além de favorecer uma leitura aprofundada do fenômeno em seu contexto, essa técnica assegura maior rigor e validade às interpretações, uma vez que respeita os critérios de coerência e fidelidade aos dados coletados.

A pesquisa bibliográfica foi feita a partir de autores que discutem as políticas públicas de educação superior, a formação universitária e os processos avaliativos, tais como: Mello Filho (2019), Martin (2005), Gama et al. (2005), Moura e Castro (2001), Corrêa Lemos (2006), Luckesi (2022), Chueiri (2008) e Silva e Gomes (2018). Esses autores deram o embasamento teórico-conceitual da pesquisa, especialmente no que diz respeito ao papel formativo da avaliação, à autonomia universitária e ao histórico do PET como política pública de ensino.

No que se refere à análise de conteúdo, foi feito a partir de registros de reuniões em ata e no formato de áudios. Salientou-se que as referidas reuniões mensais onde se realiza um processo de avaliação das atividades, são gravadas. Serão analisadas gravações de reuniões realizadas entre abril e outubro de 2025. A análise das gravações foi focada na autoavaliação dos membros do grupo PET-Letras, buscando refletir sobre as implicações das atividades do PET na formação acadêmica e pessoal dos bolsistas. Posteriormente, após coleta dessas manifestações orais, analisamos quais elementos principais aparecem nesse processo de autoavaliação, e por fim, buscou-se compreender como se desenvolve a avaliação na Educação Tutorial.

5. RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Damos início, neste ponto, à apresentação e análise dos dados. A análise dar-se-á, a partir dos objetivos do PET, dispostos na Portaria CAPES 976 (BRASIL, 2010). Em um primeiro momento, apresentamos a análise tendo como base o objetivo que trata da contribuição do PET para o aprimoramento da qualidade da formação acadêmica dos bolsistas, de acordo com o segundo objetivo mencionado na Portaria. No segundo momento, tratamos da qualificação profissional a partir do fomento às habilidades científicas e tecnológicas, conforme o terceiro objetivo acima citado. Em um terceiro momento, buscando avaliar o cumprimento do quarto objetivo, compreendemos de que forma o Programa contribui para a formação humana, cidadã e crítica. Por fim, abordamos a contribuição da metodologia de avaliação do PET-Letras no que tange à qualificação das atividades realizadas por meio do planejamento coletivo e auto avaliação de cada bolsista, buscando atender ao que define o primeiro objetivo.

5.1. Avaliação no Grupo PET-Letras

De acordo com o Artigo 2º da Portaria MEC nº 976 (Brasil, 2010, p. 40), o PET constitui-se no Programa de Educação Tutorial desenvolvido em grupos organizados a partir de cursos de graduação das instituições de ensino superior do país, orientados pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, que tem por objetivos:

- a) desenvolver atividades acadêmicas em padrões de qualidade de excelência, mediante grupos de aprendizagem tutorial de natureza coletiva e interdisciplinar;
- b) contribuir para a elevação da qualidade da formação acadêmica dos alunos de graduação;
- c) estimular a formação de profissionais e docentes de elevada qualificação técnica, científica, tecnológica e acadêmica;
- d) formular novas estratégias de desenvolvimento e modernização do ensino superior no país;
- e) estimular o espírito crítico, bem como a atuação profissional pautada pela cidadania e pela função social da educação superior.

Diante desses objetivos, propus-me a analisar de que forma o PET-Letras tem conseguido colocá-los em prática no cotidiano do grupo a fim de compreender se, na prática, estamos alcançando aquilo que a Portaria nº 976 (Brasil, 2010) estabelece, isto é, a qualidade da formação acadêmica, a qualificação técnica e a formação do espírito crítico e da cidadania. Entretanto, mais do que verificar se estamos apenas

cumprindo uma portaria, busco entender como essas diretrizes se materializam em nossas vivências, nas falas registradas nas atas e nas gravações de autoavaliação. Acredito que esse movimento de análise me permitiu reconhecer não só os resultados alcançados, mas também os caminhos que ainda precisamos percorrer para fortalecer nossa formação e reafirmar o papel do PET na universidade e na comunidade.

Ao compreender o funcionamento do Programa de Educação Tutorial (PET), tornou-se fundamental reconhecer que a avaliação ocupa um papel estratégico em sua dinâmica. Mais do que um instrumento de controle ou mensuração de resultados, a avaliação no âmbito do PET se apresenta como um processo formativo e contínuo, voltado à melhoria das práticas pedagógicas, à valorização da aprendizagem coletiva e ao fortalecimento da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Essa perspectiva avaliativa dialoga diretamente com os princípios que orientam o programa, na medida em que estimula a autonomia, o protagonismo e a reflexão crítica dos petianos e tutores sobre suas ações e trajetórias dentro do grupo. É nesse contexto que a Portaria nº 976 (Brasil, 2010), regulamenta e orienta os critérios e procedimentos que asseguram a coerência e a qualidade das atividades desenvolvidas pelos grupos PET em todo o país.

De acordo com a Portaria citada acima, a avaliação está prevista como parte estruturante do programa, orientando-se por critérios que asseguram a coerência das práticas com os princípios formativos do PET. O Artigo 25 da referida Portaria define que a avaliação dos grupos deve considerar aspectos como o relatório anual, o sucesso acadêmico alcançado, a participação dos estudantes em projetos e programas de ensino, pesquisa e extensão, o desenvolvimento de práticas inovadoras e educativas na graduação, o alinhamento das atividades ao Projeto Pedagógico Institucional (PPI) e às políticas institucionais de permanência e redução da evasão, além das publicações e participações em eventos acadêmicos de tutores e bolsistas. Também são considerados os relatórios de autoavaliação de estudantes e tutores e, quando necessário, são realizadas visitas locais pelo CLAA para acompanhamento mais próximo.

A Portaria nº 976 (Brasil, 2010) também destaca a importância da existência de instâncias responsáveis por conduzir e garantir a legitimidade desse processo. Cada Instituição deve estabelecer um Comitê Local de Acompanhamento e Avaliação (CLAA-PET), responsável por supervisionar e avaliar os grupos PET vinculados à instituição, em articulação direta com a Comissão de Avaliação Nacional, que

coordena o processo em nível federal. Essa estrutura demonstra que a avaliação, no contexto do PET, vai muito além de uma exigência administrativa: trata-se de um processo formativo, que busca promover o aprimoramento contínuo das ações, a reflexão sobre as práticas desenvolvidas e o fortalecimento da integração entre ensino, pesquisa e extensão.

O processo de avaliação dentro do PET é de extrema relevância, porque, além de qualificar a formação e promover a reflexão contínua sobre as práticas do grupo, seus resultados impactam diretamente na permanência do programa, podendo inclusive determinar sua continuidade ou extinção.

No artigo 26 da Portaria MEC nº 976 (Brasil, 2010), é estabelecido que a avaliação dos professores tutores do PET deve considerar um conjunto amplo de indicadores de produção acadêmica e de atuação formativa. Entre esses aspectos, incluem-se tanto o cumprimento das atividades previstas pelo programa, quanto a participação do tutor em ações de ensino, pesquisa e extensão, bem como a orientação de trabalhos, publicações, produção de material didático e inserção em espaços acadêmicos institucionais. Além disso, a normativa reforça a necessidade de coerência entre o planejamento e a execução das atividades pelo grupo, incluindo a análise do relatório anual da instituição e da avaliação feita pelos próprios estudantes. O regulamento ainda prevê o “sucesso acadêmico” como categoria avaliativa, o que destaca o impacto efetivo do tutor na trajetória formativa dos discentes.

No SIGPET, essa lógica avaliativa se materializa na obrigatoriedade de que cada atividade planejada seja acompanhada de uma metodologia específica de avaliação, o que evidencia o caráter processual, participativo e formativo da avaliação dentro do programa.

Conforme sugerido no Artigo 26 da Portaria MEC nº 976 (Brasil, 2010), o programa segue o Regimento Interno PET-Letras (atualizado em 2022), com um acompanhamento das atividades de forma contínua e participativa, com base em registros, reuniões e avaliações coletivas. Cada integrante mantém uma planilha de atividades, onde são registradas semanalmente as ações desenvolvidas em ensino, pesquisa e extensão. Esses registros servem de base para as reuniões mensais de avaliação, conduzidas pela tutora, nas quais cada petiano faz uma autoavaliação e apresenta um balanço do mês. Além disso, no PET-Letras Bagé, todas as reuniões contam com a elaboração de uma Ata, documento no qual são relatados os encaminhamentos, discussões e decisões do grupo. A responsabilidade pela escrita

dessas atas é assumida pelos próprios petianos, seguindo um sistema de rodízio que garante a participação e o desenvolvimento dessa habilidade por todos os membros do grupo.

A dinâmica dessas reuniões segue uma metodologia dialógica: a tutora inicia questionando individualmente — “Como foi teu mês?” — o que estimula o petiano a refletir sobre suas práticas, desafios e conquistas. Durante a avaliação mensal, cada petiano apresenta as atividades realizadas, comenta o andamento dos projetos e propõe melhorias. A tutora, além de orientar academicamente, oferece apoio pessoal aos integrantes, contribuindo para o equilíbrio emocional, a convivência harmoniosa e o crescimento coletivo. Assim, o processo avaliativo assume um caráter formativo e humano, fortalecendo a autonomia, a responsabilidade e a cooperação no grupo. Nesse momento, ocorre também a avaliação da tutora, conduzida pelos próprios integrantes, que refletem sobre sua atuação enquanto orientadora e mediadora das atividades. São considerados aspectos como o acompanhamento das ações desenvolvidas, a qualidade da orientação pedagógica, a disponibilidade para o diálogo e o apoio às demandas acadêmicas e pessoais dos integrantes.

No PET-Letras Bagé, essa regulamentação é seguida de maneira sistemática, onde todas as atividades planejadas são detalhadas com seus objetivos, resultados esperados e, principalmente, com a definição da metodologia de avaliação utilizada pelo grupo. Dessa forma, o processo avaliativo atende ao que dispõe a Portaria, funcionando não apenas como um requisito burocrático, mas como um instrumento de qualificação da prática pedagógica e da formação integral dos estudantes.

Esse processo avaliativo contínuo é fundamental para a formação dos petianos, pois possibilita que eles acompanhem o próprio desenvolvimento, reflitam sobre suas práticas e assumam uma postura mais ativa e crítica no percurso formativo. Ao participar da avaliação das atividades e compreender seus objetivos e resultados, os petianos desenvolvem autonomia, senso de responsabilidade acadêmica e proatividade, aspectos estes, essenciais para a formação universitária e futura atuação profissional.

5.2. A avaliação formativa do PET-Letras: análise dos dados

Nesta seção, serão apresentados e analisados os dados da pesquisa sobre a contribuição do processo avaliativo do PET-Letras para a formação acadêmica e profissional dos bolsistas. A análise dos dados foi realizada por meio da coleta de

relatos dos bolsistas nas reuniões mensais de avaliação. Foram analisadas as atas e gravações de reuniões realizadas nos meses de abril a outubro de 2025. Em cada reunião, são realizadas avaliações sobre todas as atividades desenvolvidas, onde cada bolsista avalia sua participação na referida atividade e avalia sobre sua experiência e aprendizado obtido dentro do PET. As atividades são avaliadas na perspectiva de melhorias, ajustes, sempre a partir do diálogo coletivo, atendendo aos objetivos do programa. As reuniões também promovem um processo de avaliação formativa no que tange à formação acadêmica, profissional, científica, tecnológica e cidadã tal qual preconiza os objetivos do PET:

- I) desenvolver atividades acadêmicas em padrões de qualidade de excelência, mediante grupos de aprendizagem tutorial de natureza coletiva e interdisciplinar;
- II) “contribuir para a elevação da qualidade da formação acadêmica dos alunos de graduação”;
- III) “estimular a formação de profissionais e docentes de elevada qualificação técnica, científica, tecnológica e acadêmica”;
- IV) “estimular o espírito crítico, bem como a atuação profissional pautada pela cidadania e pela função social da educação superior”. (BRASIL, 2010, p. 40).

5.2.1. A melhoria da formação acadêmica

Neste tópico, apresentamos a coleta e análise dos dados com base no objetivo previsto na Portaria nº 976 (Brasil, 2010), que estabelece como finalidade do PET “contribuir para a elevação da qualidade da formação acadêmica dos alunos de graduação”. Com a leitura das atas, percebe-se que os bolsistas reconhecem o programa como um espaço que amplia sua formação para além do currículo obrigatório, articulando teoria e prática e integrando ensino, pesquisa e extensão. Assim, compreende-se que a participação no PET-Letras Bagé fortalece a formação específica em Letras e favorece sua aplicação no contexto da educação básica. Na sequência, serão apresentados relatos de algumas petianas, entretanto, para preservar sua identidade, não serão utilizados seus nomes reais, mas codinomes.

Mel comenta, na avaliação do mês de junho, que, no âmbito da escrita acadêmica, destacou sentir-se menos ansiosa e mais confiante com a produção do Trabalho de Conclusão de Curso, concluiu o seguinte:

A escrita foi mais tranquila do que esperava, embora estivesse preocupada com os prazos, conseguiu realizar as entregas de forma antecipada. Relatou também que, neste mês, sentiu-se menos insegura quanto à possibilidade de cometer erros, o que contribuiu para um processo de escrita mais confiante (Ata Mensal de 25/06/2025/Ata N°16/2025).

No mês de outubro, a petiana revela avanços significativos em sua formação acadêmica e pessoal. Diagnosticada com TDAH, a petiana enfrentava dificuldades de organização, que com o tempo, foram sendo superadas por meio das atividades do grupo como afirma:

Eu acho que eu faço muito mais coisas dentro do prazo, e não tão na última hora, e me proponho a fazer muito mais coisas, me organizo um pouco melhor, mesmo que essa minha organização ainda seja muito do meu jeito, porque eu não anoto nada, e se anoto eu esqueço, e isso vai continuar porque isso é uma coisa do TDAH, e não tem muito o que fazer... (Ata Mensal de 01/10/2025/Ata N°26/2025).

O envolvimento em diferentes propostas, como a Semana Acadêmica, a Rádio Uni, Oficinas, Rodas de Leitura e demais atividades realizadas pelo PET-Letras, favoreceu o desenvolvimento de sua autonomia, a melhora no cumprimento de prazos e o fortalecimento da confiança em sua própria produção. A petiana revela que sua comunicação se tornou mais clara e segura, especialmente ao relatar conquistas e desafios em avaliações e discussões coletivas. A petiana Mel, na Ata N°16/2025 de 25/06/2025 disse o seguinte: “que aprendeu com o PET a se comunicar melhor, sentindo-se mais à vontade para apresentar trabalhos”. Frisou ainda que o programa também a ajudou a se organizar melhor dentro dos prazos. Em síntese, sua trajetória evidencia que o PET não apenas potencializou sua formação acadêmica, como também favoreceu seu desenvolvimento pessoal, fortalecendo sua autonomia, autoconfiança e capacidade de atuação colaborativa.

5.2.2. A qualificação profissional

O PET, conforme disposto na Portaria nº 976 (Brasil, 2010), também tem como finalidade: “estimular a formação de profissionais e docentes de elevada qualificação técnica, científica, tecnológica e acadêmica”. Esse objetivo evidencia que o programa não se limita ao fortalecimento da trajetória acadêmica, mas também atua diretamente na preparação profissional dos estudantes, oferecendo experiências que desenvolvem competências avançadas de pesquisa, gestão de projetos, trabalho colaborativo e intervenção social.

O percurso da petiana Ana no PET-Letras Bagé evidencia, de forma exemplar, como o programa contribui para a qualificação profissional prevista pela Portaria nº

976 (Brasil, 2010). Sua atuação é marcada pela proatividade e pelo engajamento em diferentes dimensões formativa, por exemplo: no mês de junho participou da Semana Acadêmica, colaborou na organização e execução da Oficina de Redação, escreveu para a revista do PET e elaborou resumos para o SULPET. Além disso, na sua avaliação mensal, destacou que aprofundou sua formação leitora por meio do Clube de Leitores Contraponto, no qual atuou como mediadora — experiência que posteriormente levou para o estágio, ao trabalhar a literatura regionalista com os alunos. Relatando o seguinte: ...“que as aprendizagens adquiridas no clube foram levadas para seu estágio, no qual abordou a literatura regionalista, enfatizando a importância de discutir a linguagem que, com o tempo, tende a se perder” (Ata N°16/2025 de 25/06/2025). Esse movimento demonstra a capacidade do PET de promover a integração entre formação teórica e prática pedagógica, permitindo que os conhecimentos acadêmicos sejam vivenciados em situações reais de ensino.

A petiana Ana disse que iniciou bem o semestre, retornou bastante motivada e está tentando participar de todas as atividades do grupo. Ela está cursando três componentes e acredita estar indo bem. A petiana acredita que o fato de ser uma pessoa agitada tem ajudado a lidar com as diversas situações da universidade e do programa, ela está enxergando mais oportunidades. A tutora Carolina elogiou a proatividade da petiana e disse que ela está sendo excepcional, mas também pediu que ela tenha mais calma. A petiana disse que gostou bastante da viagem, disse que viagens assim são boas para a relação do grupo e para se distrair de outras situações.

Ana também reconhece a relevância dos encontros, viagens e vivências coletivas promovidas pelo programa, que fortalece laços colaborativos e amplia o repertório cultural e acadêmico dos petianos. Como sua fala registrada na ata nº 8/2025 (30/04/2025) onde ela diz: “que o fato de ser uma pessoa agitada tem ajudado a lidar com as diversas situações da universidade e do programa, ela está enxergando mais oportunidades”, o que evidencia desenvolvimento de autonomia e maturidade intelectual, competências essenciais ao perfil profissional almejado pelo PET.

A petiana destacou que, mesmo diante de desafios pessoais, como a perda de um familiar durante o recesso, manteve sua participação ativa nas atividades e pesquisas, demonstrando resiliência, organização e responsabilidade acadêmica. O reconhecimento da tutora e dos colegas consolidou sua autoconfiança e reforçou seu protagonismo dentro do grupo, contribuindo diretamente para sua trajetória de

amadurecimento intelectual e profissional. Ela própria reconhece esse impacto ao afirmar, na Ata nº 26/2025 (02/10/2025), que: “tudo melhorou, inclusive a minha relação com a Universidade [...] antes do PET eu só fazia a faculdade, mas não fazia nada com propriedade”. Dessa forma, sua experiência mostra que o PET não só melhora a formação acadêmica, como também prepara estudantes para atuarem com segurança, responsabilidade e iniciativa no campo educacional.

O petiano Reginaldo comentou sobre sua participação no projeto de Reforço Escolar, destacando estar satisfeito e feliz com as atividades desenvolvidas. Ressaltou a boa relação construída com a turma, evidenciando o vínculo positivo e o engajamento no trabalho realizado. Ao encerrar sua avaliação, elogiou a tutora, reconhecendo o esforço e a dedicação que ela demonstra ao conciliar suas diversas demandas e acompanhar o grupo com atenção e comprometimento (Ata Nº08/2025, do dia 30/04/2025). Podemos afirmar que o Reforço Escolar contribuiu para que o petiano tivesse um contato direto com a realidade profissional, construindo habilidades que precisará usar como futuro profissional no exercício da docência.

Os relatos dos petianos evidenciam que a participação no PET-Letras contribui diretamente para o aprimoramento da escrita científica, para o desenvolvimento de habilidades acadêmicas e para o maior domínio de tecnologias educacionais. A convivência no grupo, aliada ao acompanhamento da tutora e às práticas formativas, amplia a capacidade de organização pessoal, argumentação e adequação ao discurso científico. Além disso, as atividades coletivas fortalecem competências como comunicação oral, protagonismo e trabalho em equipe, enquanto projetos como a Rádio Uni estimulam o uso crítico e pedagógico das tecnologias. Assim, as experiências relatadas mostram que o PET-Letras se configura como um espaço de formação integral, que ultrapassa o fazer técnico e promove crescimento acadêmico e profissional.

5.2.3. A formação humana, cidadã e crítica

O objetivo do PET de “estimular o espírito crítico, bem como a atuação profissional pautada pela cidadania e pela função social da educação superior”, previsto na Portaria nº 976/2010, reforça que a formação oferecida pelo programa deve ir além dos aspectos técnicos e acadêmicos, contemplando também a dimensão ética e social da prática educativa. No contexto do PET-Letras Bagé, esse princípio se concretiza por meio de ações que incentivam a reflexão crítica sobre a realidade e

o papel do educador na transformação social, ao mesmo tempo em que promove o desenvolvimento pessoal dos petianos, fortalecendo competências como organização, comunicação, autonomia e autoconfiança, construídas a partir da convivência em grupo, do exercício da responsabilidade e do trabalho colaborativo.

A participação discente em órgãos deliberativos constitui um dos pilares da formação crítica promovida pelo PET-Letras. O programa incentiva que seus integrantes ocupem espaços de decisão dentro da universidade, favorecendo o desenvolvimento de uma postura cidadã, politicamente consciente e comprometida com a coletividade. Nesse movimento, os petianos têm atuado no CLAA, no Conselho do Campus (em diferentes períodos) e na Comissão de Curso (também em distintos períodos), ampliando sua compreensão sobre os processos institucionais da Unipampa. Temos como exemplo, as participações de lasmin na Comissão do Campus, na Comissão de Curso e na Comissão Local de Extensão; de Eduarda na Comissão de Curso e na Comissão do Campus; e de Flávia na Comissão Local de Ensino. Somam-se a essas experiências as duas gestões do Diretório Acadêmico de Letras (DALE), exercidas por Eduarda, lasmin, Flávia, Jéssica e Gabriel, que reforçam o protagonismo estudantil no cotidiano acadêmico. Ao estimular essas vivências, o PET demonstra que a formação humana e cidadã também se constrói pela inserção ativa em instâncias deliberativas, fortalecendo a capacidade crítica e participativa de seus integrantes.

O relato da petiana Jade revela uma trajetória que está plenamente alinhada ao objetivo citado acima. Sua participação no PET-Letras foi marcada pelo protagonismo e pelo envolvimento em diferentes frentes do grupo, especialmente nas edições da Rádio Uni, que se tornaram um espaço de destaque em sua trajetória. A sua avaliação do mês de maio Ata 16/2025, (25/06/2025), destaca que atuou de forma expressiva também na organização da Semana Acadêmica, em oficinas como a de resenhas na Escola Justino e na produção coletiva do resumo submetido ao SULPET, sempre demonstrando atenção à qualidade do trabalho e ao aprendizado prático das atividades. Também se dedicou a iniciativas culturais, como Rodas de Leitura, Oficinas de Criação Literária e a proposta de uma revista coletiva, demonstrando não apenas envolvimento acadêmico, mas também compromisso ético e responsabilidade social, elementos centrais para o desenvolvimento desse perfil formativo.

Quanto às aprendizagens construídas no grupo, a petiana relatou, na reunião de dois de outubro de 2025, que aprendeu muito com o PET, e que sua principal

aprendizagem ocorreu por meio do trabalho de edição da Rádio Uni, o qual lhe possibilitou ampliar habilidades técnicas e comunicativas. Destacou, ainda, a melhora na escrita e o desenvolvimento de competências relacionadas à formação humana, especialmente no que se refere ao convívio coletivo, à responsabilidade e à capacidade de assumir iniciativas para além de suas preferências pessoais. Em seu depoimento, Jade falou o seguinte: “sou muito teimosa, e o PET me obriga a ser menos teimosa, graças a Deus, porque enfim, é uma questão de formação humana que só o PET pode me proporcionar... (Gravação da Avaliação Mensal de 02/10/2025/Ata N°26/2025). Ao reconhecer que o PET lhe possibilitou aprimorar não só a escrita e a organização, mas também aspectos relacionados à convivência, à escuta e à superação de atitudes individuais em favor do coletivo, sua fala evidencia a dimensão humana do programa, aquela que transforma modos de agir, relacionar-se e compreender o próprio papel como futura educadora. Assim, sua experiência confirma que o PET não forma apenas estudantes tecnicamente capacitados, mas sujeitos críticos, empáticos e preparados para atuar na educação com consciência cidadã e sensibilidade para o outro.

Ao analisar a participação da petiana Verônica no PET-Letras observamos que ela reconhece ter tido progresso significativo na escrita e na correção de redações, trabalhando de voluntária no Projeto Salvaguarda, bem como pelo engajamento nas atividades do grupo. Na sua avaliação do mês de outubro, expressou o seguinte: “que o PET proporcionou uma melhora em sua escrita em razão da produção dos resumos para eventos e das correções de redação”. Além disso, adquiriu habilidades relacionadas ao convívio humano e ao trabalho em equipe, que atuou de forma expressiva na Semana Acadêmica, ministrando, em parceria com colegas a Oficina de Correção de Redação, e contribuiu para a escrita do resumo submetido ao SULPET e para a coluna do *Junipampa*. Participou de Rodas de Leitura e mediações literárias, demonstrando comprometimento e interesse pelo aprofundamento acadêmico. Além disso, aproveitou o período de férias para se dedicar a leituras e pesquisas voltadas ao futuro Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), mostrando disposição em aprofundar seus estudos. Em suas avaliações, sempre ressaltou a boa organização do grupo e a contribuição da tutora para a condução das atividades, reconhecendo o impacto positivo dessa orientação em sua própria organização. Verônica disse: “Estou empolgada, tranquila, não estou nervosa com relação ao início da escrita do TCC I, e

sim, com a ansiedade de iniciar logo, mas não estou com aquele medo” (Ata N°12/2025 - Gravação/Avaliação de 28/05/2025).

Em outra reunião, a petiana destacou que o PET-Letras tem contribuído significativamente para sua formação humana, especialmente no fortalecimento das relações interpessoais. Ela ressaltou que, ao participar das atividades do grupo, aprendeu a valorizar as diferenças e a conviver de forma mais empática e colaborativa. Além disso, mencionou que sua escrita evoluiu consideravelmente ao longo do tempo, reflexo das experiências formativas proporcionadas pelo programa. Assim disse Verônica: ”essa questão da relação humana, tentar entender o outro, cada um tem as suas particularidades, a sua forma de agir e aprender a lidar com as diferenças dos outros”[...] (Gravação da Avaliação Mensal de 02/10/2025, Ata N°26/2025).

Ao acompanhar as experiências compartilhadas pelas petianas, percebi que o PET-Letras vai muito além de um espaço de atividades extracurriculares: ele se revela como um ambiente de aprendizagem contínua, que impacta de maneira profunda a formação acadêmica e pessoal de cada integrante. Cada vivência dentro do grupo revela-se como uma possibilidade de crescimento, tanto intelectual quanto humana, evidenciando que a formação acadêmica não se limita às salas de aula, mas se amplia nas relações, nas práticas e nas reflexões que emergem do cotidiano do programa.

As Oficinas, as Rodas de Leitura, a participação na organização de eventos e projetos, como a Rádio Uni, constituem experiências formativas que transcendem os conteúdos teóricos e mobilizam competências essenciais, como a capacidade de organização, a comunicação efetiva, o protagonismo e o trabalho em equipe. Nesses espaços, é possível perceber que o aprender se dá de forma integrada, associando o fazer ao pensar e o individual ao coletivo.

Compreendi, assim, que a dinâmica colaborativa do programa, aliada à orientação sensível da tutora e ao apoio mútuo entre os membros, cria um ambiente fértil para o desenvolvimento de aprendizagens significativas. Mais do que aprimorar os conhecimentos acadêmicos, o PET-Letras contribui para o amadurecimento pessoal, despertando a autonomia, a sensibilidade, o senso crítico e a autoconfiança dos participantes. Aspectos esses, que considero fundamentais na constituição de sujeitos reflexivos, éticos e comprometidos com a educação e com a transformação social.

Conforme nos traz a (Portaria nº 976/2010 no Artigo 24, VI) “contribuir para a consolidação de uma cultura de avaliação na formação da graduação”. Nesse registro, a Portaria evidencia que a avaliação no PET não se restringe a um procedimento burocrático, mas constitui um processo formativo, orientado para o aprimoramento contínuo do grupo. Esse tipo de avaliação contribui para que tutores e petianos reflitam sobre suas práticas, identifiquem avanços e reconheçam fragilidades, fortalecendo o caráter autônomo, crítico e colaborativo que fundamenta o programa. Assim, a avaliação não apenas monitora o cumprimento das atividades, mas promove aprendizagens, qualifica a execução dos projetos e sustenta a construção de um ambiente acadêmico mais consciente e comprometido com a formação integral dos estudantes.

Fazendo uma análise da Ata Nº08/2025, de 30/04/2025, vimos que a petiana Anny destaca a sua satisfação por ter iniciado o semestre de forma tranquila. Comentou que: “as reuniões do grupo lhe fazem bem e que o PET-Letras segue em bom andamento”. Anny ressaltou ainda, o retorno ao projeto Salvaguarda, pelo qual demonstra grande apreço, e mencionou a intenção de atuar futuramente no projeto de Reforço Escolar, relatou que a viagem à Uruguaiana foi uma experiência libertadora, especialmente diante de desafios emocionais vividos anteriormente, e que, apesar de estar passando por momentos pessoais difíceis, afirmou manter-se firme e elogiou o trabalho da tutora.

5.2.4. Processo de Avaliação e auto avaliação das atividades

Neste item apresentaremos relatos que expressam como as atividades e ações realizadas dentro do Programa, são discutidas e problematizadas, por meio de um diálogo coletivo, constituindo-se assim um grupo de aprendizagem que se autoavalia e contribui para a melhoria da qualidade das atividades acadêmicas desenvolvidas. Tal metodologia contribui para atender um dos objetivos do PET, conforme Portaria nº 976 (Brasil, 2010, p.10): “desenvolver atividades acadêmicas em padrões de qualidade de excelência, mediante grupos de aprendizagem tutorial de natureza coletiva e interdisciplinar”. O caráter interdisciplinar das atividades é evidenciado por exemplo nos debates realizados dentro da Rádio Uni, as quais contemplam obras literárias e filmes com temáticas que dialogam com os campos das línguas adicionais, política, sociologia, arte cinematográfica, música, história, cultura e ciências da religião.

A apresentação e análise dos dados deste tópico se dará em dois momentos. Primeiramente apresentamos relatos que expressam o processo de autoavaliação dos bolsistas na realização das atividades, ou seja, quando o bolsista avalia sua participação, envolvimento e comprometimento com a atividade. Tal metodologia contribui para que o coletivo se fortaleça, na mesma intensidade em que contribui para a formação profissional e acadêmica do indivíduo. Num segundo momento, apresentamos relatos que expressam a opinião do bolsista em relação à qualificação da atividade, com isso, os relatos reforçam a importância de uma avaliação contínua e participativa, que contribui para o aprimoramento das ações desenvolvidas.

Nesse processo de avaliação e autoavaliação das atividades desenvolvidas pelo grupo PET-Letras, é fundamental considerar a percepção dos próprios bolsistas sobre sua participação, empenho e aprendizado em cada ação realizada. Esses relatos revelam a capacidade de autoanálise e de reconhecimento tanto dos desafios quanto das conquistas individuais e coletivas. Conforme relata a petiana Victoria na Ata N°6/2025 de 16/04/2025, compartilhando sua experiência na gravação da resenha de *A Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas, a mesma reconhece que cometeu alguns erros na primeira tentativa, “mas, que, ao persistir e refazer o trabalho, alcançou um resultado mais satisfatório”. Nessa sua reflexão, ela demonstra maturidade ao reconhecer suas próprias limitações e valorizar o processo de aprimoramento. Já conforme o petiano Reginaldo, avaliando o mesmo episódio da resenha de *A Dama das Camélias*, faz apontamentos acerca do ritmo, que lhe soou ligeiramente truncado em alguns momentos, e de um prolongamento levemente excessivo na descrição do enredo, o que foi reforçado pela tutora Carolina Fernandes.

Concluimos que avaliações como estas beneficiam todo o grupo, pois permitem que as experiências individuais sirvam de exemplo e inspiração para os demais petianos. Ao compartilhar suas dificuldades e superações, cada integrante contribui para um ambiente de aprendizado coletivo, onde o diálogo, o apoio mútuo e a troca de experiências fortalecem a trajetória formativa de todos. Assim, com essas observações se evidencia o comprometimento do grupo com a escuta atenta e o olhar crítico sobre as produções coletivas, demonstrando que o processo avaliativo vai além da simples apreciação do resultado final. Ao oferecer comentários construtivos, os petianos exercitam a capacidade de análise e aprimoram sua sensibilidade estética e comunicativa. Do mesmo modo, o fato de a tutora também participar das avaliações reforça o caráter horizontal do PET-Letras, no qual todos aprendem e se desenvolvem

mutuamente. Essa troca constante de percepções fortalece a coesão do grupo e contribui para a melhoria contínua das produções e da formação de cada integrante.

Destacamos aqui também, a importância das Atas nas reuniões, e acredito que elas tenham um papel fundamental no funcionamento do PET-Letras, pois registram de forma organizada todas as atividades desenvolvidas pelos petianos, bem como as discussões, decisões e avaliações realizadas pelo grupo. Esses registros documentam o percurso formativo coletivo e permitem acompanhar a evolução das ações ao longo do tempo, servindo como instrumento de memória e de reflexão. Além disso, nelas são relatadas as avaliações dos eventos e das produções individuais, bem como a importante avaliação mensal do grupo e da tutora. As atas são escritas pelos próprios petianos, em sistema de rodízio, o que possibilita que todos tenham a experiência de registrar e sintetizar as discussões, fortalecendo o senso de responsabilidade e o compromisso com o grupo. Esse processo sistemático de registro e análise contribui para a transparência, o planejamento e o aprimoramento contínuo das práticas do PET-Letras, reforçando seu caráter formativo, participativo e colaborativo.

Paralelo a isso, é fundamental destacar as narrações dos bolsistas acerca das atividades desenvolvidas no grupo, pois essas vozes revelam percepções valiosas sobre o andamento dos projetos e o próprio processo formativo dentro do PET-Letras. A partir das opiniões apresentadas pelos petianos, tornou-se possível identificar aspectos que podem ser aprimorados, mantidos ou até mesmo reformulados, contribuindo como sempre para o crescimento coletivo do grupo e para o fortalecimento das práticas pedagógicas. Essas narrações, além de funcionarem como um instrumento de avaliação, também representam um espaço de diálogo, reflexão e construção conjunta de saberes.

Na Ata (16/2025, 25/06/2025), a petiana Anny relatou o seguinte: “que foi um mês bastante positivo, que participou da Semana Acadêmica, a qual disse que foi um evento maravilhoso”. Ela destacou que ficou muito feliz pelo convite para ministrar a oficina de correção de redações, expressando sua gratidão tanto à equipe organizadora do evento quanto à tutora e às colegas com quem dividiu as atividades do grupo durante o mês, destacando sua contribuição na escrita da ata e na elaboração do resumo expandido para o SULPET, mesmo enfrentando problemas de saúde. Mencionou sua participação na Semana Acadêmica, especialmente na oficina de correção de redação, experiência que considerou gratificante e marcada pela

parceria entre as colegas petianas. Além disso, citou os atendimentos a alunos do projeto Salvaguarda, bem como sua participação em leituras e rodas de leitura. Anny avaliou que o grupo tem progredido continuamente, evidenciando o apoio mútuo entre os integrantes e elogiando a tutora pela organização e liderança. Finalizou ressaltando que sua vivência no PET tem contribuído para desenvolver um olhar mais crítico e criterioso em relação a outras experiências acadêmicas.

5.2.5. Avaliação do Grupo PET-Letras enquanto uma avaliação de projetos

Conforme a análise das autoras Bauer e Fernandes (2022) sobre a importância da avaliação formativa e contínua podemos encontrar correspondência direta na experiência vivenciada no PET-Letras Bagé, especialmente no percurso da petiana Ana, citada acima. Assim como destacam as autoras, a avaliação dentro do programa não se limita a medir resultados finais, mas se constitui como um processo reflexivo e participativo, que acompanha as ações e possibilita ajustes ao longo do caminho. A trajetória de Ana demonstra como esse tipo de avaliação promove aprendizado e amadurecimento, uma vez que, a partir das devolutivas da tutora e das discussões coletivas, ela desenvolveu maior autonomia, senso crítico e capacidade de autogestão. Em sua fala menciona — “antes do PET eu só fazia a faculdade, mas não fazia nada com propriedade” (Ata nº 26/2025) — reforça a função formativa da avaliação, que, ao estimular o olhar sobre a própria prática, transforma o modo como o estudante se posiciona diante do conhecimento e de sua formação profissional. Dessa forma, observa-se que o programa concretiza o que Bauer e Fernandes (2022) propõem: uma avaliação que não apenas observa o desempenho, mas ensina, transforma e fortalece o sujeito em seu processo de aprendizagem e evolução acadêmica e pessoal.

Falando sobre o âmbito coletivo, a avaliação contínua desenvolvida pelo PET-Letras Bagé revela-se também como um espaço de diálogo, partilha e crescimento mútuo. As reuniões, as autoavaliações mensais e as devolutivas da tutora possibilitam que os petianos reflitam sobre suas práticas, reconheçam os avanços do grupo e identifiquem pontos a aprimorar, em um processo que fortalece o senso de pertencimento e responsabilidade compartilhada. Essa perspectiva está em consonância com Bauer e Fernandes (2022), ao afirmarem que a avaliação deve ser participativa e colaborativa, estimulando a aprendizagem institucional e a tomada de decisões mais conscientes. No PET-Letras, essa prática é visível quando os

integrantes trocam experiências, oferecem sugestões e constroem coletivamente estratégias para o desenvolvimento das atividades. Assim, a avaliação torna-se um verdadeiro instrumento de formação coletiva, promovendo um ambiente de escuta, cooperação e corresponsabilidade, em que cada integrante aprende com o outro e o grupo evolui como um todo, crescendo não apenas em conhecimento acadêmico, mas também em sensibilidade humana, maturidade profissional e compromisso com a educação e com a transformação social.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo principal compreender como o processo de avaliação interna desenvolvido pelo PET-Letras se constitui e contribui para a formação acadêmica dos petianos, destacando a importância das práticas avaliativas na qualificação das atividades do grupo e foi conclusiva no que se refere ao atendimento de todos os objetivos estabelecidos. Nos capítulos iniciais, buscou-se contextualizar historicamente o PET, sua criação e, logo a seguir, apresenta sua função pedagógica, sua estrutura organizacional e a concepção de aprendizagem colaborativa que orienta o programa. Esta análise, teve também como objetivo recuperar e apresentar a trajetória histórica do programa no Brasil, destacando sua consolidação como uma política institucional de formação acadêmica comprometida com a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Ao retomar essa história, buscou-se compreender como o PET se estrutura nacionalmente, quais princípios sustentam sua atuação e de que maneira essas diretrizes se materializam no cotidiano do PET-Letras, contribuindo para a construção de uma formação crítica e colaborativa entre os estudantes.

Com relação à avaliação educacional, destacamos o conceito de avaliação formativa, na concepção de Luckesi, que defende uma avaliação processual, dialógica e orientada para o crescimento do estudante. Foram apresentados os princípios da avaliação formativa: continuidade, diagnóstico e intencionalidade. Esse subsídio teórico veio ao encontro da análise das práticas avaliativas desenvolvidas no PET-Letras.

A análise das atas permitiu compreender de forma mais profunda como os petianos vivenciam e constroem o processo formativo dentro do PET-Letras. Os registros evidenciam não apenas as atividades desenvolvidas semanal e mensalmente, mas, sobretudo, as percepções, dificuldades, avanços e aprendizados que emergem dos participantes. Ao descreverem suas ações, os petianos também revelam como compreendem o próprio papel no coletivo, demonstrando crescente autonomia, responsabilidade e engajamento nas tarefas de ensino, pesquisa e extensão. As atas mostram que o exercício contínuo da autoavaliação e da escuta ativa favorece a maturidade acadêmica, fortalece o sentido de pertencimento e incentiva a reflexão crítica sobre a prática. Dessa forma, elas funcionam como um espelho do percurso formativo, registrando não só o que foi realizado, mas como cada

integrante se posiciona diante dos desafios e aprendizagens que compõem sua trajetória no programa.

Nos registros analisados, foi possível identificar esse caráter emancipador da avaliação, pois, ao revisitar suas próprias experiências, os petianos ressignificam práticas, identificam fragilidades, celebram conquistas e planejam caminhos. Assim, com uma avaliação contínua registrada em ata se consolida um dispositivo pedagógico que materializa uma avaliação viva, humanizada e formativa, fortalecendo a identidade coletiva do grupo e contribuindo de forma decisiva para a formação crítica dos estudantes.

Retomando os conceitos discutidos, percebeu-se que a avaliação interna realizada no PET-Letras se aproxima expressivamente do que Luckesi denomina avaliação formativa: um processo contínuo, processual e orientado para a transformação. As práticas avaliativas observadas não se restringem ao julgamento de desempenho, mas se constituem como oportunidades de crescimento, revisão de trajetórias e fortalecimento das competências acadêmicas. Dessa forma, a avaliação deixa de ter um caráter punitivo e passa a atuar como elemento central na construção da autonomia e na qualificação do trabalho coletivo.

Sendo assim, consideramos que a avaliação interna do PET-Letras é um componente essencial para a consolidação das práticas do grupo, pois possibilita a reflexão permanente, o aprimoramento das ações e a formação integral dos estudantes. Os registros analisados demonstram que o PET não apenas desenvolve atividades acadêmicas, mas também promove uma experiência educativa pautada na responsabilidade, na criticidade e na colaboração. Em síntese, este estudo evidenciou que a avaliação, quando compreendida como processo formativo, contribui decisivamente para a construção de sujeitos mais conscientes, participativos e comprometidos com a sua formação e com a realidade social em que estão inseridos. Mais do que um instrumento administrativo, a avaliação se revela como uma experiência formadora que atravessa o percurso universitário e prepara os estudantes para os desafios do mundo profissional, onde a constante revisão e aprimoramento são indispensáveis.

Reconheço que refletir sobre o PET-Letras, sua história, suas práticas e seu modo de avaliar, foi também uma forma de revisitar a minha própria trajetória dentro do programa. Cada discussão, cada atividade e cada registro analisado fazem parte da minha vivência como petiana e contribuíram para o meu crescimento acadêmico,

pessoal e profissional. Por isso, esta pesquisa não é apenas uma análise do grupo, mas um testemunho daquilo que o PET significou na minha formação. Sou grata por tudo o que aprendi e, acima de tudo, desejo que o programa continue inspirando muitos outros estudantes, assim como me inspirou.

Além disso, acredito que esta pesquisa representa apenas um primeiro passo dentro de um campo amplo e ainda pouco explorado. Como alguém que vivenciou o PET-Letras internamente, reconheço a riqueza e a complexidade das experiências que compõem o cotidiano do programa, experiências que merecem ser registradas, analisadas e discutidas com maior profundidade. Por isso, considero essencial que novos estudos deem continuidade a este trabalho, ampliando o conjunto de dados, incluindo mais atas, percepções de diferentes gerações de petianos e outras fontes que permitam compreender, com ainda mais precisão, o impacto formativo do PET.

Tenho a perspectiva de que outros pesquisadores, talvez futuros petianos, sintam-se motivados a continuar investigando esse universo, ampliando as vozes, os registros e as interpretações que ajudam a compreender a grandeza do programa. Que novas pesquisas possam revelar, com ainda mais profundidade, o impacto humano, acadêmico e social do PET, fortalecendo sua permanência e sua visibilidade nas universidades e todo o país. Encerrar este estudo é, para mim, um gesto de gratidão e de afeto: gratidão pelo que vivi e aprendi, e afeto por tudo aquilo que desejo que o PET continue proporcionando às próximas gerações. Sendo assim, reforço a ideia de que este trabalho, de alguma forma, contribua para que o PET-Letras siga inspirando, transformando e abrindo caminhos, assim como abriu o meu.

Dessa forma, espero que este trabalho contribua para que o PET-Letras continue inspirando, transformando e criando oportunidades, seguindo assim, com esse espaço que abre portas e amplia horizontes, assim como fez comigo, marcando profundamente a construção do meu percurso acadêmico e da minha visão de mundo.

REFERÊNCIAS

BAUER, Adriana. Quão “bom” é suficiente? Definição de critérios avaliativos de valor e mérito. **Estudos em Avaliação Educacional**. São Paulo, v. 30, n. 73, p. 14-43, jan./abr. 2019. DOI: <https://doi.org/10.18222/eae.v30i73.5737>.

BAUER, Adriana; FERNANDES, Fábio Silva. Avaliação de projetos, programas e políticas educacionais. **Estudos em Avaliação Educacional**. São Paulo, v. 33, e08673, 2022. DOI: <https://doi.org/10.18222/eae.v33.8673>. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/eae/article/view/8673>. Acesso em: 16 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 976**, de 27 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa de Educação Tutorial – PET. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, p. 103-104, 28 jul. 2010. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/media/sesu/pdf/portaria_mec_976_27_07_2010.pdf. Acesso em: 12 set. 2025.

CARNEIRO, Ana Maria; BIN, Adriana. Avaliação continuada de programas de educação superior. **Estudos em Avaliação Educacional**. São Paulo, v. 30, n. 73, p. 170-200, 2019. DOI: <https://doi.org/10.18222/eae.v30i73.5739>.

CASTRO, Cláudio de M. **O PET visto por seu criador**. 2001. Disponível em: <<https://sites.unipampa.edu.br/petveterinaria/files/2013/06/O-PET-visto-por-seu-criador.pdf>>. Acesso em: mar. 2005.

CHUIEIRE, Mary Stela. Ferreira. Concepções sobre a Avaliação Escolar. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 19, n. 39, p. 49–64, 2008. DOI: <https://doi.org/10.18222/eae193920082469>. Disponível em: <<https://publicacoes.fcc.org.br/eae/article/view/2469>>. Acesso em: 17 jun. 2025.

CORRÊA, Alline. Fernandes; LEMOS, Celina. Borges. Pet: a gênese do programa de educação tutorial. In: ENCONTRO NACIONAL DE GRUPOS PET – ENAPET, 11., 2006, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2006. Disponível em: <http://www.enapet.ufsc.br/anais/PET_A_genese_do_Programa_de_educacao_tutorial.pdf>. Acesso em: jun. 2019.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação em educação: questões epistemológicas e práticas**. São Paulo: Cortez Editora, 2022. Disponível em: <<https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786555552522/>>. Acesso em: 31 maio 2025.

MARTIN, Maria da Graça Moraes Braga. **O Programa de Educação Tutorial – PET: formação ampla na graduação**. 2005. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.
MARTINS, S. Interdisciplinaridade: fundamentos teóricos e possibilidades institucionais na educação escolar. 2004. **Dissertação (Mestrado)** – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2004.

MELO FILHO, José Fernandes. Programa de educação tutorial: trajetória, desafios e articulações. **Revista Eletrônica do Programa de Educação Tutorial**, Três Lagoas, v. 1, n. 1, p. 33–56, out. 2019.

MUNHOZ, Liliane de Paula; NOLETO, Euzébia Oliveira. Pesquisa em educação e abordagem qualitativa: breves observações. **Revelli**, [S.l.], v. 16, 2024. Disponível em: <https://revista.reveli.org/index.php/reveli/article/view/E-202434>. Acesso em: 26 jun. 2025.

ROSIN, Sheila Maria; GONÇALVES, Antonio Carlos Andrade; HIDALGO, Mirian Marubayashi. Programa de Educação Tutorial: lutas e conquistas. **ComInG**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2017.

SANTOS, Elisângela Santana dos. O que é que o PET tem? Escrita sobre as experiências de tutores e petianos integrantes dos grupos de educação tutorial da UFRB. 2018. 132 f. **Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade)** – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/28620>>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SILVA, Ana Lúcia da; GOMES, Angela Maria. Avaliação educacional: concepções e embates teóricos. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 29, n. 71, p. 350–384, 2018. DOI: <https://doi.org/10.18222/eae.v29i71.5048>. Disponível em: <<https://publicacoes.fcc.org.br/eae/article/view/5048>>. Acesso em: 11 jun. 2025.

SILVA, Júlia Brant Araújo Pereira da et al. Evolução e contribuições do Programa de Educação Tutorial: análise recente do PET no curso de Ciências Econômicas da UFMG. **Revista Multiface Online**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 53–81, 2020. DOI: <https://doi.org/10.29327/223163.8.1-3>. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/multiface/article/view/26428>>. Acesso em: 20 abr. 2025.

SOUSA, Celso Pereira de. Dimensões da avaliação educacional. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, n. 22, p. 101–118, 2000. DOI: <https://doi.org/10.18222/eae02220002218>. Disponível em: <<https://publicacoes.fcc.org.br/eae/article/view/2218>>. Acesso em: 16 jun. 2025.

SOUSA, José Raul de; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396-1416, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>. Acesso em: 26 jun. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA. UNIPAMPA. Programa de Educação Tutorial - Letras. **Relatórios de Avaliação Institucional dos Grupos PET**. Unipampa: Bagé. 2025. Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/pet/relatorio-institucional/>. Acesso em 20 set. 2025

_____. **Atas de reuniões do Grupo PET/Letras**. Bagé-RS. 2025. Documento interno.